

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**AS EMOÇÕES NO SENTIR, NO PENSAR E NO AGIR  
– DIALOGANDO COM HUMBERTO MATURANA NA  
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE FISIOTERAPIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Leo Jorgelewicz**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**



**AS EMOÇÕES NO SENTIR, NO PENSAR E NO AGIR –  
DIALOGANDO COM HUMBERTO MATURANA NA  
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE FISIOTERAPIA**

**Leo Jorgelewicz**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado de Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. PhD. Valdo Hermes de Lima Barcelos**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Jorgelewicz, Leo  
AS EMOÇÕES NO SENTIR, NO PENSAR E NO AGIR - DIALOGANDO  
COM HUMBERTO MATURANA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE  
FISIOTERAPIA / Leo Jorgelewicz.-2015.  
109 p. ; 30cm

Orientador: Valdo Hermes de Lima Barcelos  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, RS, 2015

1. Formação de Professores 2. Educação e Liberdade 3.  
Humberto Maturana 4. Cuidado 5. Escuta I. Hermes de Lima  
Barcelos, Valdo II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado**

**AS EMOÇÕES NO SENTIR, NO PENSAR E NO AGIR –  
DIALOGANDO COM HUMBERTO MATURANA NA FORMAÇÃO DO  
PROFESSOR DE FISIOTERAPIA**

elaborado por  
**Leo Jorgelewicz**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Valdo Hermes de Lima Barcelos, PhD.**  
(Presidente/Orientador)

**Elenor Kunz, Dr. (UFSM)**

**Helenise Sangoi Antunes, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, 18 de agosto de 2015



## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho para minha mãe, Maria Elizabeta. Sem o teu apoio total e incondicional haveriam, ainda, muitas mais dificuldades para a realização de mais essa etapa em minha vida. Obrigado Betinha.

Dedico os tons utópicos deste trabalho ao meu filho artista, Leonardo. Tua dedicação aos teus estudos e a superação das adversidades são inspiradores.





## **AGRADECIMENTOS**

A minha família original, meus irmãos Leandro e Ana Claudia pela compreensão por minha ausência em momentos importantes. A minha mãe, Maria Elizabeta pelo apoio e amor realmente incondicionais;

Ao professor orientador Valdo Barcelos, pela presença constante, firmeza em nossos objetivos e tolerância pelas minhas limitações. Somente um educador do vulto de Valdo Barcelos seria capaz de me impulsionar, sem perder a sua alegria e a responsabilidade. Que este trabalho me estimule, em minha vida, a disposição de educar e pesquisar sem esmorecer frente a dificuldades.

A Sandra Maders que encarna como ninguém os seus estudos em seu viver. Sandrinha, muito obrigado.

Aos queridos colegas e amigos do grupo Kitanda. Inspirados pelo professor Valdo Barcelos vivemos em aceitação e na confiança.

A Dona Maria dos corredores do CE. Em sua simplicidade e educação ensina importantes lições a quem quiser aprender. A quem tiver coração.

Aos meus amigos Theo, Franco, Roosy e Homero. Amigos de muito tempo e muita história.

A amiga e parceira Mari, que me ajudou e me fortaleceu em momentos de temor, confusão e solidão. Não tenho como agradecer esse apoio incondicional.

A amiga fisioterapeuta Ligia Monteblanco, que cuidou de mim com sua Antiginástica e me lembrando da minha trajetória, me manteve firme em minha disposição. Cresci em tuas mãos, amiga.



A Instituição UFSM. Ao Centro de Educação e aqueles dedicados funcionários. Principalmente aos professores que aceitaram ler meu trabalho e que colaboraram sobremaneira com o andamento desta dissertação participando desta banca. Professores Helenise Sangoi Antunes e Elenor Kunz. E num segundo momento a professora Leandra Boer Possa.



## RESUMO

Dissertação para o Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **AS EMOÇÕES NO SENTIR, NO PENSAR E NO AGIR – DIALOGANDO COM HUMBERTO MATURANA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FISIOTERAPIA**

AUTOR: LEO JORGELEWICZ

ORIENTADOR: VALDO HERMES DE LIMA BARCELOS

Data e Local da Qualificação: Santa Maria, 00 de julho de 2015.

Este trabalho de pesquisa que apresento como Dissertação para Defesa de Mestrado em Educação, na Linha Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional (PPGE-UFSM), têm como objetivo contribuir com subsídios teóricos e epistemológicos para a Formação de Professores (as) em geral, e para a Formação de Professores (as) de Fisioterapia em particular, a partir das proposições da Biologia do Conhecer e Biologia do Amar, o fundamento biológico-relacional humano numa perspectiva de resgate do respeito e amorosidade entre professor (a) e acadêmico (a). Para o desenvolvimento desta dissertação de Mestrado foram realizadas atividades de pesquisa do tipo qualitativa e de caráter teórico-epistemológico. O referencial que orienta o “olhar investigativo e reflexivo do pesquisador” (BARCELOS, 2005) no sentido da “*produção das informações de pesquisa*” (JACQUES GAUTHIER, 1998), é o do estabelecimento de diálogos que privilegiem o resgate das emoções como um fazer que envolve a escuta, o conversar, a cooperação e aceitação mútua. Constitui-se em um trabalho de relevância, pois o mesmo fundamenta a apresentação das buscas de alternativas para lidar com os desafios colocados à educação, levando em conta as intensas transformações ocorridas no mundo atual. Assim, um dos principais objetivos desta pesquisa é explicitar as contribuições de algumas proposições epistemológicas de Humberto Maturana para a edificação de uma educação que promova uma educação pautada na redescoberta da natureza humana, uma natureza determinada pelo amar, baseada na democracia como uma arte sem o desejo da dominação com a renúncia da autoridade do professor, num clima que propicie e estimule a descoberta através do *linguajar* (MATURANA, 2004, p. 30), do respeito e da liberdade. A pesquisa demonstrou que para que esta educação aconteça há que se atentar para emoções como o cuidado, a escuta e o acolhimento das diferenças nos espaços e tempos escolares.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Educação e Liberdade. Humberto Maturana. Cuidado. Escuta. Emoção. Linguajar.



## **ABSTRACT**

Master's Degree Dissertation  
Post-graduate Program in Education  
Federal University of Santa Maria

### **EMOTIONS IN FEELING, THOUGHT AND ACTION – DIALOGING WITH HUMBERTO MATURANA IN PHYSIOTHERAPY TEACHER TRAINING**

AUTHOR: LEO JORGELEWICZ

ADVISOR: VALDO HERMES DE LIMA BARCELOS

Date and place of Qualification: July 28<sup>th</sup>, 2015

This research work that I present as Master's Dissertation Defense in Education, in the line of Training, Knowledge and Professional Development (PPGE - UFSM) aims to contribute to theoretical and epistemological subsidies for teacher training in general, and the Physiotherapy Teachers training in particular, from the propositions of Biology of Cognition and Biology of Love, the human biological-relational basis in a rescue perspective of respect and lovingness between teacher and scholar. For the development of this Master's thesis, activities were conducted as qualitative type of theoretical and epistemological character. The framework that guides the "investigative and reflective look of the researcher" ((BARCELOS, 2005) towards production of research information (JACQUES GAUTHIER, 1998) is the establishment of dialogs that emphasize the rescue of emotions as acting that involves listening, talking, cooperation and mutual acceptance. It is a relevant work, because it underlies the presentation of alternative searches to deal with the challenges posed to education, taking into account the intense transformations occurring in the world today. Thus, one of the main objectives of this research is to explain the contributions of some epistemological propositions of Humberto Maturana for building an education that promotes guided education in the rediscovery of human nature, a nature determined by love, based on democracy as an art without desire for domination with the resignation of the teacher's authority, in an atmosphere that fosters and encourages discovery through parlance (Maturana, 2004, p.30) of respect and freedom. Research has shown that for this education happens it is necessary to pay attention to emotions as care, listening and welcoming of differences in spaces and school times.

**Key-words:** Teacher Training, Education and Freedom, Humberto Maturana, Care, Listening, Emotion, Parlance.





## LISTA DE SIGLAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil  
ABENFISIO – Associação Brasileira de Ensino Aprendizagem  
APS - Atenção Primária à Saúde  
AVE – Acidente Vascular Encefálico  
AVDs – Atividades de Vida Diária  
AABB – Associação Atlética Banco do Brasil  
APS - Atenção Primária à Saúde  
COFFITO - Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
CREFITOs - Conselho(s) Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
DACCS – Diretório Acadêmico do Centro de Ciência da Saúde  
DCE – Diretório Central de Estudantes  
ICH – Interações Culturais e Humanísticas  
IES – Instituição de Ensino Superior  
MIT - Massachusetts Institute of Technology  
PA – Projetos de Aprendizagem  
PCC – Projetos Políticos de Curso  
PSF - Programa de Saúde da Família  
PPP's – Projetos Políticos Pedagógicos  
SUS - Sistema Único de Saúde  
TFP – Fundamentos Teórico Práticos  
UFPR – Universidade Federal do Paraná  
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria  
UNICRUZ - Universidade de Cruz Alta  
WCPT - World Confederation for Physical Therapy



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>19</b>
<b>2 PERCURSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>25</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>29</b>
3.1 O Fisioterapeuta e a Fisioterapia .....	29
3.2 Um Pouco do Percurso Histórico da Fisioterapia: Aspectos Históricos .....	30
3.3 A Fisioterapia no Brasil .....	34
3.4 Atenção Primária à Saúde: qual o papel da fisioterapia? .....	36
3.5 Humberto Maturana – a Trajetória de um Pensador - O percurso de um pensador: da Biologia à cultura, da cultura à Biologia .....	41
3.6 A formação do professor .....	48
3.7 O Ensino da Fisioterapia – pensando a Docência em Fisioterapia .....	51
3.8 O sentido das Emoções na formação do professor de Fisioterapia .....	59
3.8.1 As emoções .....	59
3.8.2 Renúncia da Autoridade .....	64
3.8.3 A Autoridade Médica .....	67
3.8.4 Como acontece a Renúncia da Autoridade? .....	68
3.8.5 O Surgimento da Sociedade Matrística .....	69
3.8.6 Dinâmica Cultural Matrística .....	70
3.8.7 Surgimento da Sociedade Patriarcal .....	74
3.8.8 Matrístico X Patriarcal .....	76
3.8.9 Porque Matrístico e não Matriarcal? .....	77
3.8.10 Cultura Patriarcal e linguagem .....	82
3.8.10.1 Cultura Patriarcal .....	82
3.8.10.2 A linguagem .....	86
3.9 Um Novo Olhar e Um Novo Tocar na Fisioterapia .....	94
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>105</b>



# 1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Missioneiro, nasci em 16 de dezembro de 1964, santo-angelense, posso dizer que tenho grande amor pela cultura que nasceu do encontro de povos indígenas e imigrantes europeus e pela terra vermelha das Missões. Desenvolvi-me sob a influência de uma cultura de imigrantes romenos alemães e recebi o nome que servia de apelido de meu pai, Leão Clemente Jorgelewicz (Leo). Meu pai era um fotógrafo talentoso, com quem tive pouca convivência. Certamente, recebi muito amor e grandes cuidados da minha mãe, Maria Elizabeta Menges, desenvolvendo-me em um ambiente de grande apreço pela vida e pelas pessoas. Arrisco-me a dizer que este fato, de ser educado pela minha mãe, certamente influenciou em muito na pessoa adulta que hoje eu sou. Minhas primeiras lembranças envolvem o cuidar e educar de meus irmãos, Leandro e Ana Cláudia. Também envolvem lembranças de meus amigos e amigas, vizinhos de uma infância feliz, divertida e muito criativa. Assim fui crescendo, em um ambiente de cuidado e respeito.

Fiz meu ensino fundamental e médio em duas escolas particulares de Santo Ângelo. As duas pertencentes a ordens religiosas. Era de família humilde, minha mãe nos sustentava fotografando. Foi à primeira fotógrafa da região das Missões nos anos setenta. Por ser desquitada contava com bolsas destas instituições e por empresas da cidade. As primeiras experiências na escola foram difíceis. Tinha somente cinco anos de idade, era muito franzino e tímido. Logo comecei a usar óculos e sofria, com alguma frequência, o que hoje é chamado de bullying. Em conversas recentes com minha mãe, surgiram referências de dificuldades nos primeiros anos de escola, tanto comigo como meus irmãos. No ensino médio comecei a superar as dificuldades e passei a ser mais sociável e respeitado pela minha capacidade de estudo. Nessa época também comecei a trabalhar como ajudante de minha mãe e logo como fotógrafo, profissão que mantive até meus irmãos a assumirem enquanto estudava fisioterapia na UFSM. A partir do segundo ano do ensino médio passei a trabalhar a noite, na biblioteca da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil).

Uma viagem marcou minha vida no ensino fundamental, tive minha primeira experiência com a universidade. Uma visita a Santa Maria e a Cidade Universitária. Fomos ao Planetário e comemos no Restaurante Universitário. Descobri que era ali que eu queria estar e estudar.

Fortaleceu-se em mim a ideia de ser alguém que estudava, alguém que se dedicava a ciência. Escolhi a área da Saúde. Queria ser, também professor. Após esta primeira etapa de ensino fundamental e médio, decidi que prestaria vestibular na Universidade Federal de Santa Maria, isto no ano de 1982. Fiz o vestibular e passei, na segunda tentativa! Assim, fui estudar Fisioterapia. Fascinava-me a possibilidade de cuidar, tratar e reabilitar as outras pessoas. Fascínio que sentia também pela sala de aula. Nesta época, a Fisioterapia recém começava a conquistar espaço na área da saúde. Tornei-me militante do movimento estudantil, participei inclusive do DCE, mas não me agradava muito à guerra política, gostava mais do consenso que havia no DACCS (Diretório Acadêmico do Centro de Ciências de Saúde) e no setorial de fisioterapia. Eram anos de exceção ao regime democrático no qual a ditadura militar começava a ceder espaços para o movimento democrático. Participei intensamente, deixando marcas no curso de Fisioterapia. Como, por exemplo, a primeira eleição democrática para coordenador e chefe de departamento. O movimento de oposição para tal eleição foi coordenado, naquela época, por mim, junto aos professores que concorriam aos cargos eletivos também participei como presidente de mesa na assembleia geral do curso de Fisioterapia, que ocorreu um pouco antes da assembleia geral da UFSM, importante marco histórico no curso de Fisioterapia e na própria universidade. Outro fato que me marcou, foi de ter sido bolsista do Serviço de Fisioterapia, no Hospital Universitário. Assim consegui me sustentar melhor durante parte do curso convivendo e ajudando colegas que estavam semestres a frente de mim, também atendendo pacientes, inclusive fora do expediente.

Gostava da ideia desses movimentos, dessas participações, enfim, gostava de estar envolvido em alguma atividade que viesse a melhorar a situação em que se encontravam as coisas. Gostava muito de estudar e, continuar nesta trajetória seria o mais natural. No entanto, na época em que concluí o curso de graduação não havia pós-graduações nessa área, ou seja, na saúde. Perdido, fui ser fisioterapeuta em Santo Ângelo. O choque de cultura foi tremendo. A decepção com a prática profissional era muito grande. Logo tive um acidente automobilístico, violento, que quase me fez perder a vida. Fui politraumatizado. Este fato deixou, não somente cicatrizes em meu corpo.

Após um ano de recuperação e, ainda com muitas sequelas, voltei a Santa Maria para trabalhar em uma clínica, através da professora Ana Fátima Badaró com quem tinha vínculos desde a graduação. Desse modo voltei a ter contato com a

dinâmica cultural que tanto me apaixonara em Santa Maria. Os sonhos de voltar a estudar e me preparar para me tornar professor tornaram-se meu foco, fazendo especialização em Saúde Coletiva no Centro de Ciências da Saúde. Infelizmente, não a concluí. Ainda não tinha conhecimento que era portador de Pan-hipopituitarismo em decorrência de um Trauma Crânio Encefálico, em decorrência deste, não produzindo naturalmente os hormônios da tireoide, córtex da suprarrenal (adrenalina) e gônadas sexuais (testosterona) e consequências na saúde e em meu comportamento. Tinha a saúde bastante debilitada. Mesmo com tantas limitações e algumas deficiências, a ideia de ser professor e a paixão pela vida me acompanhava.

No ano de 1991 fui convidado para ser professor do curso de Fisioterapia na Universidade de Cruz Alta, devido a referência que fui durante minha graduação. Trabalhei nesta instituição durante 8 anos. Ao mesmo tempo em tinha aulas e meus alunos(as), também, fazia meus atendimentos clínicos. Posso dizer que esta experiência de ser professor e, ao mesmo, tempo estar atendendo pacientes, possibilitou-me levar para a sala de aula, experiências que serviam de reflexão junto dos alunos(as). Como havia entrado em contato com a pedagogia dialógica de Paulo Freire, através do professor Homero Antunes Boucinha, na especialização em Saúde Coletiva, procurava, sempre, manter um clima de conversa, estimulando a descoberta, utilizando muitas dinâmicas de grupo e dramatizações (prática que aprendi junto ao teatro amador em Santo Ângelo com o grupo de teatro Turma do Dionísio nos anos de 1988/89, grupo de teatro em atividade até nossos dias). Reuníamos sempre em círculo, às vezes na parte externa da Universidade de Cruz Alta. Nas aulas práticas, convidava os(as) aluno(as) a experimentar as terapias a partir do seu próprio corpo.

Hoje vejo que esta experiência colaborou em muito para a ampliação de meu repertório de conhecimento e de saberes fundamentais tanto para o exercício como profissional de fisioterapia, quanto para minha atividade docente. Infelizmente minha saúde continuamente debilitada, não permitiu que desse sequência a esse atuar. Hoje, meus colegas professores da UNICRUZ estão em várias universidades, como mestres e doutores. Fiquei sem trabalhar por aproximadamente sete anos.

Em 2003 passei pela oitava cirurgia, esta na Santa Casa em Porto Alegre, através da cirurgia Crânio Facial e Plástica. Ao voltar para casa, após a alta hospitalar, passei mal, sendo necessária nova internação. Assim, finalmente, foi diagnosticada a

sequela, ou seja, o pan-hipopituitarismo<sup>1</sup>. Com tal diagnóstico, percebeu-se a necessidade da reposição hormonal e, assim, foi possível recuperar minha saúde. Voltei a trabalhar, a estudar e, o mais importante, voltaram os sonhos. Com o uso dos hormônios, eu que pesava em torno de cinquenta quilos, em três semanas, passei a ter cinquenta e oito quilos. Passei por transformações físicas e emocionais bem importantes. Ao retornar à Santa Maria, sentia-me eufórico, deslocado e muito atrapalhado. Levei alguns anos para me ajustar à nova realidade biológica. Isso melhorou muito a partir de minha formação em Reequilíbrio Somatoemocional, uma formação no campo da fisioterapia baseada na neurociência e neurobiologia, terapia cognitiva comportamental e terapia Reicheniana. Assim, além de conhecer mais e liberar muitos traumas que carregava, desgravando-os do corpo e sistema nervoso, passei a tratar pacientes, mais efetivamente, com sofrimentos físicos e emocionais.

Todos esses episódios levaram a fortalecer o interesse e a necessidade de entender as relações que ocorrem com o corpo e as emoções... Durante a graduação aprendi que o principal objetivo da Fisioterapia é o movimento humano, ou seja, desenvolver e reabilitar o movimento humano em todas as suas potencialidades bio-psico-social. Porém, algo, ainda é muito paradoxal. Ao mesmo tempo em que o curso de fisioterapia, ou seja, seu ensino buscava entender o corpo humano em sua totalidade, o que se observava nas práticas cotidianas é o entendimento do corpo através de um rigor (rigidez) científico. O corpo segmentado e inerte. Uma anatomia morta. Uma cinesiologia (ciência que estuda o movimento Humano) de ângulos e alavancas estáticas. O paciente era analisado e enquadrado em protocolos e condutas terapêuticas. Buscando-se, normalmente, um padrão de saúde, esquecendo-nos que possuímos uma história e desenvolvimentos únicos.

Desta maneira, tornou-se necessário promover o rompimento com o modelo de formação curativo-reabilitador privatista. Os cursos de fisioterapia, conforme instituído nas diretrizes curriculares nacionais, devem estruturar-se a partir dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e adequar a formação dos profissionais ao perfil epidemiológico da população. O objeto de trabalho da profissão continuará sendo o movimento humano. A responsabilidade profissional, no entanto, não se restringirá ao nível terciário da reabilitação, mas deverá ampliar-se para os níveis primário e secundário.

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma disfunção da Glândula Pituitária que, por consequência, causa ausência de hormônios da tireoide, suprarrenal e gônadas sexuais.



A formação, portanto, deve aproximar-se do paradigma da promoção da saúde e do campo da saúde coletiva, alargando as possibilidades de atuação, direcionadas, prioritariamente, para os determinantes e condicionantes do processo saúde/doença. Promover, portanto, o acolhimento do paciente, estabelecendo um diálogo de escuta e tolerância. Entendendo o corpo em sua totalidade, com suas potencialidades e limitações, buscando, assim, a expressividade e a harmonia. Pois, um corpo que não se expressa, que não se solta é um corpo inibido, que se expressa pela dor.

Com isso, ressalto a importância de que a formação, na fisioterapia, seja permanente, como forma de buscar uma melhora na prática docente de forma mais contextualizada. Uma formação que proporcione outra forma de ver e viver o ensino de fisioterapia; e isto, conseqüentemente, traria outra relação do fisioterapeuta com o paciente.

Uma relação de respeito, de aceitação, de cumplicidade e, acima de tudo, uma relação pautada pela amorosidade (FREIRE, 2008).

Dando seguimento a esta introdução apresento os resultados de minha pesquisa de acordocomo seguinte Problema de Pesquisa para atingir o grau de Mestre em Educação, na Linha de Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE – da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM:

Qual o sentido das emoções na formação do professor de fisioterapia. E, ainda, como estabelecer um diálogo efetivo e afetivo na relação professor aluno na docência do curso de fisioterapia?

A partir deste problema de pesquisa busquei atingir o seguinte **Objetivo Geral de pesquisa:**

Colaborar com subsídios teóricos e epistemológicos para a formação e a prática da docência do professor da fisioterapia por meio do diálogo com as proposições de Humberto Maturana.

Para atingir este **Objetivo Geral** o desmembrei nos seguintes passos investigativos que denominei de **objetivos específicos de pesquisa**, quais sejam:

- \* Mapeamento do cenário histórico em que se situa o campo de atuação do profissional da Fisioterapia em geral, e do Ensino da Fisioterapia em particular;

- \* Compreensão de como as emoções se apresentam na cultura ocidental através dos tempos na obra de Humberto Maturana;

\* Quais ações podem levar a uma construção de um ambiente de respeitabilidade e liberdade na relação do professor e aluno de fisioterapia;

\* Como se dá o exercício da fisioterapia através das proposições centrais de Humberto Maturana, tais como a legitimidade e a consensualidade.

## 2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Se você, como pesquisador ou pesquisadora, quiser fazer Deus rir, basta contar-lhe suas verdades científicas (BARCELOS, 2008, p. 23).

A pertinência acadêmica e a relevância social desta pesquisa, acredito que está dada pelo fato de buscar contribuir com subsídios teóricos e epistemológicos para ampliar o repertório de conhecimentos e de saberes sobre a prática docente do professor que atua na formação do profissional de Fisioterapia.

Acreditamos que esta pesquisa de Dissertação de Mestrado se realizará num cenário epistemológico de interfaces. Em especial numa interface entre duas áreas fundamentais para a produção de conhecimento acadêmico para a sociedade brasileira atual: a educação e a saúde.

\* No campo da Educação nos referimos a Formação de Professores, ou seja: para a docência no Ensino Superior;

\* Na Saúde na formação do docente que atua e atuará na formação do profissional de fisioterapia.

Para o desenvolvimento deste projeto serão realizadas atividades de pesquisa do tipo qualitativa e de caráter teórico-epistemológico. Esta perspectiva está em acordo com a proposição metodológica de que a pesquisa nas ciências sociais é de caráter eminentemente qualitativo (MINAYO, 1989; DEMO, 1990; COSTA, 2002).

O referencial que orientará o “olhar investigativo e reflexivo do pesquisador” (BARCELOS, 2008;2006) para a “produção das informações de pesquisa” (GAUTHIER, 1998), será o diálogo reflexivo e a busca de interlocução com uma visão de ciência como “prática social do conhecimento” (BOAVENTURA SANTOS, 1987). Segundo este autor, esta forma de reflexão e de construção de conhecimento torna possível à transformação do método científico em um processo familiar e próximo daquele que realiza a pesquisa. Diminui-se, assim, à distância entre aquele que lida com o conhecimento e aquilo que é seu tema/problema de pesquisa.

Ainda não tenho como traçar o mapa definitivo que vou seguir com esta pesquisa. Por enquanto me contento com a ideia de mapa proposta por Boaventura Santos, quando este afirma que “*A incompletude dos mapas é a condição da criatividade com que nos movimentamos entre seus pontos fixos. De nada valeria desenhar mapas se não houvesse viajantes para os percorrer*” (BOAVENTURA SANTOS, 2000). A imperfeição dos mapas é, segundo Boaventura Santos (2000) a

condição deles que nos desafia a ser criativos(as). Sem essa criatividade não poderíamos nos mover entre os seus pontos fixos. De muito pouco valeria construirmos mapas “se não houvesse viajantes para os percorrer” (BOAVENTURA SANTOS, 2000, p. 35).

Segundo este autor, esta forma de reflexão e de construção de conhecimento torna possível a transformação do método científico em um processo familiar e próximo daquele que realiza a pesquisa: o pesquisador. Diminui-se, assim, à distância entre aquele que lida com o conhecimento e aquilo que é seu tema/problema de estudo e de pesquisa.

Tal concepção de ciência e de produção de conhecimento, bem como a abordagem metodológica aqui proposta está em coerência com a ideia defendida por Luna (1989:25) quando este autor afirma que não faz “*qualquer sentido discutir a metodologia fora de um quadro de referência teórico que, por sua vez, é condicionado por pressupostos epistemológicos*”. Já para Sánchez Gamboa (1995) as técnicas e métodos de pesquisa científica, tanto aquelas qualitativas quanto as quantitativas, não podem jamais ser compreendidas e avaliadas em si mesmas, ou seja, todas as diferentes formas e abordagens metodológicas, na pesquisa científica, devem estar contextualizadas e relacionadas com o problema de pesquisa; com os objetivos; com o tema de investigação; com o contexto da pesquisa, enfim, precisam ser construídas em linha de coerência e de diálogo no ambiente de pesquisa. Donde se conclui, segundo o autor, que técnica e método não estão separados

Foram, até o momento realizados estudos e pesquisas em bibliografias que tentam montar o cenário histórico e cultural do espaço de atuação, de formação e de organização da atividade do profissional de fisioterapia no Brasil e também em outros países. Da mesma forma, foi feito um mapeamento das principais obras de Humberto Maturana que será, a partir desta fase, a referência para o desenvolvimento das proposições e objetivos deste projeto de Dissertação de Mestrado em Educação.

Foram estudadas e pesquisadas obras na educação em geral, e na formação de professores em especial, as obras de Paulo Freire e obras do pensador chileno Humberto Maturana.

Assim sendo, esta pesquisa realizada na obra de Humberto Maturana, apresenta uma dupla configuração: uma epistemológica e outra metodológica, ou seja: como promover uma reflexão junto aos professores e professoras em geral e, em particular, dos docentes dos cursos de Fisioterapia, sobre sua atuação docente,

tomando como ponto de referência algumas proposições científicas de Humberto Maturana (2004).



## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.10 Fisioterapeuta e a Fisioterapia

O fisioterapeuta pode ser definido como um profissional de nível superior da área da saúde, pleno, autônomo, que atua isoladamente ou em equipe em todos os níveis de assistência à saúde, incluindo a prevenção, promoção, desenvolvimento, tratamento e recuperação da saúde em indivíduos, grupos e pessoas ou comunidades. É o profissional que cuida da saúde da população com ênfase no movimento e na função, prevenindo, tratando e recuperando disfunções e doenças, sendo, seu principal objeto de trabalho a saúde funcional (BARROS, 2003) e o movimento como autonomia do ser e do fazer biológico. O funcional humano inclui entre outros aspectos o locomotor e de todos os sistemas, como o cardíaco/respiratório, digestivo, nervoso, urinário, sexual, auditivo (inclusive o equilíbrio) e visual, também psíquico-comportamental. Enfim, de toda *phýsis*, do grego “toda natureza física ou moral”. (FERREIRA, 1986). Assim, a *phýsisterapia* o(a) fisioterapeuta é aquela formação e o profissional da área da saúde que, em função de seus saberes e fazeres, tem o potencial, para cuidar da autonomia biológica, visto como um princípio ativo, a partir do “*fato que os seres vivos são unidades autônomas*” (MATURANA, 2001, p. 55).

No exercício da sua profissão, o fisioterapeuta poderá atuar em diferentes áreas e segmentos. Na atuação clínica este profissional realiza o processo fisioterapêutico, que inclui o diagnóstico cinesiológico funcional, prognóstico, prescrição, indução do tratamento, reavaliação e alta do paciente. O fisioterapeuta pode trabalhar em clínicas públicas ou privadas, consultórios e hospitais, seja atuando isoladamente ou em equipe, garantindo sempre o acesso do paciente à atenção fisioterapêutica (BRAZ, 2006).

Ainda na área clínica o fisioterapeuta utiliza métodos diagnósticos específicos, prescreve e administra tratamento através de diferentes técnicas manuais, biomecânicas, neurofisiológicas, utilizando as próprias mãos, induzindo movimento e posturas terapêuticas, agregando outros recursos eletroterápicos, fototerápicos, termoterápicos, mecanoterápicos, cinesioterápicos e hidroterápicos, entre outros. Os recursos terapêuticos utilizados em Fisioterapia têm por objetivo promover a saúde e

têm utilidades em diversas disfunções, desdobrando-se em diversas áreas de atuação Profissional (COFFITO, 2005).

Além da Fisioterapia Clínica, este profissional pode atuar na área da saúde coletiva, como em projetos de saúde pública, nas ações básicas em saúde, na área de vigilância sanitária e no campo de fisioterapia do trabalho ou saúde do trabalhador (BRAZ, 2006).

Na área de educação, sua atuação poderá ser como docente em escolas de ensino médio e especialmente em universidades lecionando disciplinas básicas nos cursos de graduação na área da saúde e todas as disciplinas e conteúdos básicos e específicos na graduação em Fisioterapia, além de coordenar ou dirigir cursos e realizar projetos de pesquisa científica. Outra possibilidade de atuação encontra-se na indústria de equipamentos e materiais fisioterapêuticos (BRAZ, 2006).

### **3.2 Um Pouco do Percurso Histórico da Fisioterapia: Aspectos Históricos**

Com o avanço das manifestações artísticas, políticas e com o humanismo, que marcou o Renascimento, houve uma maior valorização à cultura física à saúde, trazendo a preocupação não apenas com o tratamento das doenças, mas com a manutenção da saúde e da beleza física (BRAZ, 2006, p. 55),

Na história, o uso dos recursos da natureza, tais como o sol, o calor, a água e a eletricidade para fins terapêuticos, de alívio à dor e na cura de doenças foram acontecendo de modo muito natural, mediados pela experiência humana.

Além dos recursos da natureza, o próprio movimento humano foi, desde a antiguidade, utilizado como forma de alívio e recuperação de movimentos. Na china existem registros de obras abordando a cura pelo movimento (modernamente chamado de cinesioterapia) desde o ano de 2.698 a.C. Na Grécia antiga, o filósofo Aristóteles (384 a. C.) já descrevia a ação dos músculos, ficando conhecido como “Pai da Cinesiologia”. Na medicina Grega, a cura pelo movimento constituía uma parte fixa do tratamento. Galeno (130 a 199 d. C.) descrevia uma ginástica do tronco e dos pulmões que teria corrigido o tórax deformado de um rapaz até alcançar as condições normais (SANCHEZ, 1984).

A Idade Média é caracterizada por uma ordem social estabelecida no plano divino, foi uma época de lacuna em termos de evolução nos estudos e na atuação na



área da saúde. Devido à cultura religiosa, o corpo foi desvalorizado, sendo considerado um mero recipiente do espírito (SANCHEZ, 1984).

Com o avanço das manifestações artísticas, políticas e com o humanismo, que marcou o Renascimento, houve uma maior valorização à cultura física e à saúde, trazendo a preocupação não apenas com o tratamento das doenças, mas com a manutenção da saúde e da beleza física (BRAZ, 2006), e de valores como o bem, o belo e o original. No século XVI, Leonardo da Vinci realizou diversos estudos sobre a mecânica corporal e marcha humana, contribuindo para o desenvolvimento da Cinesiologia. Outros cientistas devem ser citados, como Galileu Galilei, Afonso Borelli e Giorgio Baglivi. Na transição entre o Renascimento e a Revolução Industrial, diferentes autores desenvolveram trabalhos sobre exercícios físicos e a terapia através do movimento. Há uma retomada dos estudos onde o interesse não se destina apenas a concepção curativa, mas também à manutenção do estado normal existente em indivíduos sãos (REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Com a Revolução Industrial, houve um grande desenvolvimento das cidades, surgindo condições sanitárias precárias, com os trabalhadores cumprindo jornadas de trabalho estafantes. O que provocou a proliferação de novas doenças. Assim, foram desenvolvidos trabalhos para recuperar trabalhadores acidentados e criados diversos tipos de ginástica e exercícios para aumentar a produtividade (BRAZ, 2006).

Em pleno século XIX vários estudiosos de diversos países da Europa contribuíram para o desenvolvimento do que posteriormente foi definido como campo da Fisioterapia. Até então estes conhecimentos estavam sob o domínio da classe médica. Na Suécia, Gustav Zander criava uma série de exercícios terapêuticos, realizados com máquinas e diferentes equipamentos, e no ano de 1864 fez demonstrações destes aparelhos que havia criado para exercícios ativos, assistidos e resistidos. Era o início da mecanoterapia (terapia com aparelhos mecânicos). No mesmo século, Frenkel criou um método de tratamento para a ataxia (disfunção neurológica em que os movimentos são imprecisos e descoordenados), baseado na repetição lenta de movimentos específicos e coordenados, que é ensinado até hoje nas universidades brasileiras (REBELATTO e BOTOMÉ, 1999).

A partir do século XX foram muitas as mudanças na área da saúde. Devido ao aumento da complexidade em ciência e tecnologia e, também, ao aumento no número de casos relativo a epidemias de poliomielite e às Grandes Guerras, o atendimento em saúde, que antes era restrito a algumas poucas profissões, sofreu uma profunda

transformação ao se delegarem funções a outros profissionais. Com isto foram se formando as equipes de profissionais de saúde com obrigações e atribuições determinadas. Surgiram aí os primeiros cursos de formação de fisioterapeutas no mundo. Na Alemanha, as primeiras escolas foram as de Kiel (1916) e Dresden (1918) (SANCHEZ, 1984).

Nos países participantes da primeira Grande Guerra Mundial, o grande número de mortos e mutilados levou a uma diminuição da força de trabalho ativa, criando a necessidade de reincorporar os acidentados e mutilados de guerra à força produtiva (BRAZ, 2006).

A clínica, a cirurgia, a farmacologia, a aplicação de recursos elétricos, térmicos e hídricos e prescrição de exercícios sofreram uma evolução dirigida para o atendimento do indivíduo doente. Surgiu, assim para a fisioterapia, a ideia do atendimento hospitalar (REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Nesta época surgiram, também, grandes centros de reabilitação, locais onde eram prescritas e realizadas as atividades de reaprendizagem do movimento e reeducação funcional através, principalmente, de técnicas cinesioterápicas. Começa a se definir, no campo de atuação da Fisioterapia, o seu objeto estudo: o movimento humano. Já nos tempos de paz, os tratamentos fisioterapêuticos se desenvolveram em relação a várias doenças, especialmente no que se refere a poliomielite, criando, em consequência uma enorme demanda de profissionais qualificados (FIGUERÔA, 1996). Acreditamos, em função do período histórico que o Brasil atravessava, dado o grande desenvolvimento das cidades, do setor industrial e da construção civil, que houve, também, uma grande demanda de indivíduos com sequelas de acidentes de trabalho para ser tratados e reabilitados pela fisioterapia.

Na primeira definição da profissão do fisioterapeuta, este é concebido como auxiliar médico, com tarefas apenas de caráter terapêutico, cuja execução deveria ser orientada e supervisionada pelo médico. Historicamente, o fazer do fisioterapeuta se esgotava na perspectiva de recuperar, reabilitar e minimizar o sofrimento (REBELATTO e BOTOMÉ, 1999).

Sendo subordinado à autoridade médica, o fisioterapeuta, junto com outros profissionais de saúde, membros de uma equipe de reabilitação, não competindo a ele o diagnóstico da doença ou deficiência a ser corrigida, mas o cumprimento das tarefas prescritas pelo médico (NOVAES JUNIOR, 2005).

Posteriormente, iremos nos ocupar novamente com esse tema que começamos a desenvolver aqui: o evento da medicina científica (paradigma Flexneriano) e o surgimento do modelo Biomédico. Na verdade, toda formação profissional gera, como aspecto inerente, a capacidade de reflexão e a atitude de prescrição de técnicas para obtenção de determinados resultados. Assim, a formação de fisioterapeutas, gera em consequência um profissional que irá, através de seu atuar, se o seu atuar for exercido com responsabilidade, realizar a melhor avaliação e diagnóstico possível e a consequente eleição de técnicas e lógicas de prescrição. A ascensão e consolidação do profissional médico como central de uma equipe de saúde que surgia, como ator que diagnóstica, que elege e avalia os resultados obtidos, gera uma naturalização, a hierarquia na equipe médica. Vemos muito claramente isso acontecendo nas equipes multidisciplinares onde a figura do “chefe de equipe” é exercida quase que obrigatoriamente pela figura do médico. Por outro lado, a horizontalização das equipes de saúde potencializa um atuar em cooperação e coparticipação em responsabilidade através de um emocional construtivo e colaborativo. A esse respeito Maturana escreve:

Em nossa cultura patriarcal... vivemos na desconfiança da autonomia dos outros. Apropriamo-nos o tempo todo do direito de decidir o que é ou não legítimo para eles, no contínuo propósito de controlar suas vidas. Em nossa cultura patriarcal, vivemos na hierarquia, que exige obediência. Afirmamos que uma coexistência ordenada requer autoridade e subordinação, superioridade e inferioridade, poder e debilidade ou submissão (MATURANA, 2004, p. 38).

Em 1921 os fisioterapeutas estadunidenses fundam a American PhysicalTherapyAssociation. No ano de 1951 foi fundada, em Londres, a “World Confederation for PhysicalTherapy” (WCPT), com adesão de 13 países. Até dezembro de 2001 a WCPT representava mais de 82 países membros, incluindo o Brasil, e congregando mais de 225.000 fisioterapeutas em todo o mundo (BARROS, 2003).

As associações de fisioterapeutas participam ativamente da construção da identidade profissional que, no entanto, ainda permanece atrelada ao modelo biomédico. A Fisioterapia é uma profissão jovem e, portanto, ainda em busca da consolidação de sua identidade. Tanto o ensino quanto a prática da Fisioterapia ainda seguem os modelos adotados pela Medicina: a fragmentação do ser humano, a divisão em especialidades, a ênfase na cura e na reabilitação (a recuperação ou

“concerto” da parte afetada) e o tecnicismo, amparados pelo modelo da Física Clássica. No entanto, na construção da identidade profissional o fisioterapeuta deve contemplar a emergência de um novo paradigma para o fazer fisioterápico (BRAZ, 2006).

### 3.3A Fisioterapia no Brasil

Outros fatores tiveram um impacto na nova educação médica e outra atitude ou emoção que passou a predominar na medicina e por consequência na área da saúde, a partir daí: o mecanicismo, o biologicismo, o individualismo em contraste a atenção social, a especialização, a exclusão de práticas alternativas, entre outros aspectos que deslocaram o foco da sociedade para o indivíduo, reduzindo a atenção social da saúde.

Durante o período colonial, o tratamento dos doentes no Brasil era realizado por jesuítas, pajés, feiticeiros africanos, físicos e cirurgiões portugueses, hispânicos e holandeses. Para Portugal não era interessante que se criassem instituições de ensino superior no Brasil, sob o risco de se fomentarem ideias de independência. Com a fuga da Família Real para o Brasil em 1808, vieram também profissionais, técnicos e principalmente financeiros para atender às demandas dos nobres e monarcas que aqui se instalaram. Desta forma, fundaram-se as duas primeiras escolas de medicina brasileiras, na Bahia e no Rio de Janeiro (BARROS, 2003).

A partir da formação dos primeiros médicos brasileiros e de suas viagens à Europa, começaram a surgir no Brasil os primeiros serviços de Fisioterapia ainda no século XIX. Os primeiros serviços de eletricidade médica e hidroterapia surgiram por volta de 1879 a 1883, sendo um dos responsáveis o médico Arthur Silva. Em 1884, este mesmo médico participou da criação do serviço de Fisioterapia no Hospital de Misericórdia do Rio de Janeiro. Em São Paulo, no ano de 1919, o médico Raphael Penteado de Barros fundou o departamento de eletricidade médica (SANCHEZ, 1984).

Talvez o fato mais interessante do contexto da Fisioterapia brasileira na virada do século XIX para o século XX seja a importância que os profissionais médicos atribuíam a esta área do conhecimento, o que permitiu que ficassem registrados, inclusive diversas disputas sobre o conhecimento e domínio da Fisioterapia. Foram também produzidas várias teses para obtenção do grau de Doutor em Medicina baseadas em estudos sobre a Fisioterapia da virada do século (BARROS, 2003).

Em 1929, o médico Waldo Rolim de Moraes havia criado o serviço de Fisioterapia do Instituto do Radium Arnaldo Vieira de Carvalho, para dar assistência aos pacientes do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, e depois fundou o serviço de Fisioterapia do Hospital das Clínicas da mesma cidade (Braz, 2006).

Em 1951 é criado o primeiro curso técnico de Fisioterapia no Brasil, no Hospital das Clínicas, mas somente em 1969 a Fisioterapia passa a ser reconhecida como um curso de nível superior no Brasil. Em 1975 criou-se o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e Conselhos Regionais (CREFITOs) conforme a lei 6316 de 17 de dezembro. O COFFITO assumiu a função de legislar, estabelecendo o código de Ética (resolução número 10/28), normatizando a profissão e a atuação do fisioterapeuta. Ao CREFITO coube a função de legalizar e fiscalizar o exercício profissional (BARROS, 2003).

Ao longo dos anos 1980 foram surgindo em várias capitais as Associações Regionais de Fisioterapia.

A década de 1990 se caracterizou por uma série de resoluções importantes emanadas do COFFITO, legislações oriundas dos governos federal e estaduais, em especial do Ministério da Saúde com relação à Fisioterapia. Essa quantidade de resoluções e portarias vem consolidando o campo assistencial cada vez mais (NOVAES JUNIOR, 2005).

Percebe-se que a trajetória da Fisioterapia no Brasil, tem as suas ações concentradas em dois níveis de atenção à saúde: o secundário (responsável pelo diagnóstico e tratamento das doenças) e o terciário (responsável pela limitação dos danos e reabilitação), sendo relegado ao segundo plano o nível primário de atenção (responsável pela promoção da saúde e prevenção de agravos). Esta forma de atuação explica-se pela influência do modelo biomédico ou Flexneriano de saúde, que vem norteando as práticas de Fisioterapia (BRAZ, 2006).

O modelo Flexneriano de saúde surgiu na história da medicina no início do século XX, quando a Fundação Carnegie convidou um diretor de uma escola secundária Estadunidense, Abraham Flexner, para realizar um estudo sobre a situação das escolas médicas dos Estados Unidos e Canadá. Isso se fez necessário, pois havia uma falta na regulamentação científica nas escolas de medicina nestes países. A heterogeneidade das normas e práticas pedagógicas prejudicava a consolidação do ideário da medicina científica, que chegou a esse continente com os

médicos formados na Europa, já que o espírito mercantilista proliferou em muito os mais diversos tipos de escolas. Havia um consenso da população, que a intervenção de médicos era pouco efetiva, já que muitos preferiam práticas alternativas e de charlatães.

As principais propostas desse documento para o desenvolvimento do ensino nas escolas de medicina são:

- \* Definição de padrões de entrada e ampliação para quatro anos, da duração dos cursos;

- \* Introdução do ensino laboratorial;

- \* Estímulo à docência em tempo integral;

- \* Expansão do ensino clínico em hospitais;

- \* Vinculação das escolas médicas às universidades;

- \* Ênfase da pesquisa biológica;

- \* Vinculação da pesquisa ao ensino;

- \* Estímulo a especialização médica;

- \* Controle do exercício profissional pela profissão organizada (AGUIAR, 2003).

Gradativamente, com a implementação das diretrizes do relatório, as propriedades científicas cartesianas, o ensino médico passou por uma padronização, com fechamento de muitas escolas. Como resultado, temos a hierarquização da educação médica, com a predominância de homens, brancos e de classe média alta, que seriam os únicos a poder custear os estudos, encarecidos após o relatório Flexner.

Outros fatores tiveram um impacto na nova educação médica e outra atitude ou emoção que passou a predominar na medicina e por consequência na área da saúde, a partir daí: o mecanicismo, o biologicismo, o individualismo em contraste a atenção social, a especialização, a exclusão de práticas alternativas, entre outros aspectos que deslocaram o foco da sociedade para o indivíduo, reduzindo a atenção social da saúde.

### **3.4 Atenção Primária à Saúde: qual o papel da fisioterapia?**

Se mudarmos esta orientação, se mudarmos do domínio da negação para o domínio da aceitação muda, também, nossa bioquímica, nossa fisiologia, enfim, muda nossa biologia. Ora, se isto pode ocorrer, podemos, então, alterar até mesmo nosso estado de saúde e/ou de doença (MATURANA;VERDEN ZÖLLER, 2001,p. 149)

Não é objetivo deste trabalho, refletir sobre a função social da medicina e saúde pública, como um processo histórico, dentro da nossa sociedade. No entanto, acreditamos ser importante investigar a formação da medicina científica e o modelo biomédico, o surgimento do paradigma Flexneriano, pois este influencia determinantemente o surgimento da fisioterapia e o seu contexto atual, principalmente a sua atuação na Atenção Primária à Saúde e Saúde Pública.

O final do século XIX assistiu a inúmeros avanços tecnológicos no setor da saúde. As descobertas de Koch (1843 a 1910) e Pasteur (1822 a 1895) trouxeram consigo o promissor campo da microbiologia e, com ele, o entendimento de que várias patologias possuíam determinantes precisos e passíveis de prevenção e/ou intervenção humana. O homem passaria, então, a exercer um papel ativo e potencialmente eficaz na luta contra doenças e o sofrimento do próprio homem (AGUIAR, 2003).

Somam-se a isso descobertas anteriores, como os procedimentos anestésicos na primeira metade daquele século e a descoberta da imunização ativa contra a varíola ao final do século XVIII. Baseado na ciência cartesiana e inspirados nos ideais positivistas do século XIX, o homem embalou-se em num contexto de euforia e confiança na capacidade da ciência de melhorar as condições de vida.

O ideal positivista da saúde não conseguia ter hegemonia nas práticas usuais da medicina Norte-americana em fins de século XIX. Nesta dinâmica surge a Medicina Científica, havia um constante conflito entre os médicos *reguladores*, que eram egressos das universidades europeias e das inúmeras escolas americanas que proliferavam nos Estados Unidos após a guerra da Independência, e os *práticos* ou *empíricos*, denominação geral para pessoas com algum treinamento em habilidades curativas (AGUIAR, 2003). Havia também inúmeros adeptos de seitas curativas, também vistos com ressalva pelos primeiros.

A falta de regulamentação científica das escolas médicas americanas ocorria, em parte por força desse confronto, contribuiu para o aumento de seu número e também para a heterogeneidade das normas e práticas pedagógicas, o que prejudicava ainda mais a consolidação do ideário da medicina científica. O espírito mercantilista conduziu à proliferação dos mais diversos tipos de escolas, muitas sem vínculos universitários e sem pré-requisitos para matrículas.

O direito a saúde, como um bem inquestionável, hoje, como dever do Estado, é viabilizado à população brasileira através do Sistema Único de Saúde. O SUS propõe o acesso Universal, integral e igualitário às ações e serviços de promoção, proteção e recuperação da saúde, sendo as ações preventivas uma das prioridades, visto que o PSF (Programa de Saúde da Família) está hoje em implantação. É possível concluir, então, que existe uma relação direta entre o estatuto do SUS e o papel do fisioterapeuta, uma vez que contribuir socialmente com a prevenção de doenças deve ser um dos princípios na formação e atuação de fisioterapeutas.

Apesar desse processo ainda estar em construção, observamos que o profissional fisioterapeuta vem adquirindo crescente participação nos serviços referentes à atenção primária. Isso porque suas funções e atribuições, assim como seus saberes e fazeres, são constituídas por conjuntos de ações de saúde, incluindo nessa esfera a prevenção, assim como o diagnóstico cinesiofuncional, tratamento, e manutenção da saúde, conforme o previsto no Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO, 2008).

O termo prevenir habilita o fisioterapeuta a atuar na atenção básica, onde a prevenção das doenças é o maior enfoque. É sua função proporcionar educação, prevenção e assistência coletiva na atenção básica em saúde, bem como integrar equipes multiprofissionais destinadas a planejar, programar e executar projetos e programas (COFFITO, 2008).

A atuação deste profissional na atenção básica parece estar em aberto, talvez pela pouca experiência acumulada nesse nível assistencial. É possível que isso decorra da inadequação dos currículos, da formação de professores e de cursos de graduação, das legislações vigentes e políticas públicas. O agir fisioterapêutico é, ainda, de caráter predominantemente curativo e reabilitador.

O papel da fisioterapia e do fisioterapeuta na Atenção Primária à Saúde (APS) encontra-se em desenvolvimento inicial. Partimos do princípio que esse profissional tem uma contribuição muito importante para a qualidade de vida da população. Reúne em seu exercício e em sua formação saberes e conhecimentos fundamentais em uma atuação na promoção da saúde integral, entre as quais cito as de caráter mais geral, como saúde pública, epidemiologia, fisioterapia preventiva. E mais específicas, como *cinesiologia, higiene brônquica e ventilatória, de estimulação neuromotora e do equilíbrio* (conhecimentos e atribuições fisioterápicas aplicadas em áreas da saúde como a neurologia, pediatria, ortopedia, pneumologia, geriatria e fisioterapia) além de um



conjunto de técnicas chamado de terapia manual. Somente o fisioterapeuta reúne tais saberes necessário para avaliar, planejar, coordenar e executar programas em grupos e comunidades buscando o estímulo e higiene social relativo aos indivíduos e seus movimentos corporais espontâneos e saudáveis. Assim como a intervenção em momentos iniciais de degradação do estado saudável e de cuidados para a melhoria da qualidade de vida daqueles com limitação crônica.

Proponho que esse saber e conhecimento técnico da fisioterapia na Atenção Primária à Saúde seja modulado pela *Biologia do Conhecimento* e pela *Biologia do Amor*<sup>2</sup>. Estas duas proposições de Humberto Maturana considero fundamentais para a busca de entendimento do ser humano.

Quero, desde já, ressaltar que a busca do entendimento do ser humano se constitui na principal preocupação do pensador Humberto Maturana. Esta é uma das linhas-chaves no pensamento deste autor. Segundo Barcelos e Maders (2014) Humberto Maturana ancora suas proposições, para o entendimento do humano, a partir da *Biologia do amar* e da *Biologia do conhecer*. A partir destas duas proposições é que o autor constrói uma forma de entender o mundo que vivemos a partir do entendimento dos fundamentos “esquecidos” do humano que, para ele, são: o *amar* e o *brincar*. Baseados em Humberto Maturana, Barcelos e Maders (2014, p. 255) afirmam que:

Para Maturana, o brincar e o amar não foram conquistas especiais de nossos ancestrais. Foram, sim, parte constituinte de seu modo de vida de primata pré-humano. Somos o resultado de um devir que seguiu um caminho demarcado pela conservação do amar e da brincadeira como partes fundamentais do viver adulto pré-humano ancestral, que tornou viável o surgimento da linguagem que nos caracteriza.

---

<sup>2</sup>Biologia do conhecer e Biologia do amar são denominações adotadas para um conjunto coerente de noções a respeito da cognição e da biologia humana. Surgiram conforme Humberto Maturana originalmente quando se começou a apresentar um modo de abstrair, portanto de conhecer, sobre o operar sistêmico relacional do viver e conviver humano. Nelas, a produção de conhecimento sobre o conhecer e o amar vai se constituindo a partir do entendimento que leva em consideração as dinâmicas e mecanismos que operam nos processos do viver e conviver humano. Assentam-se entrelaçadas em uma perspectiva sobre a fenomenologia biológica mais geral dos seres vivos, a qual é, em termos fundamentais, a mesma fenomenologia biológica que constitui o humano. Fenômenos consensualmente básicos no humano como o conhecer e o amar são tratados em termos dessa fenomenologia biológica que abstrai separando epistemologicamente os espaços fundamentais do viver dos seres vivos como o espaço da corporalidade na produção molecular e o espaço relacional, no qual o ser vivo se faz interagindo, no fazer e no sentir. Conforme, entre outros escritos, Maturana (2007, p. 75-107; 167-193; 215-228).

Aliado a isto, segundo ainda estes autores, Barcelos e Maders (2014), as preocupações com a educação, como um processo permanente de transformação humana, é algo que se faz muito presente na extensa obra de Humberto Maturana, bem como nas parcerias que tem buscado ao longo de sua trajetória como pesquisador e intelectual. Suas reflexões sobre os processos educativos são uma constante em suas entrevistas, em seus livros, bem como nas conferências e cursos que ministra pelo mundo afora.

Penso que a compreensão e o entendimento de Humberto Maturana, sobre o que significa educar, se apresenta como um conjunto de proposições que, se levarmos em conta promoveremos uma mudança radical no sentido do ato de educar as crianças, os jovens e os adultos. No caso desta pesquisa, em especial, minhas atenções se voltaram para a prática do ensino com pessoas adultas: os acadêmicos e futuros profissionais da fisioterapia, através de uma abordagem que possibilita outro entendimento sobre o processo do viver, entendimento do humano e novas possibilidades de recuperação da autonomia biológica dos pacientes.

Para Humberto Maturana, a conduta do(a) professor(a) deve ser de aceitação do(a) educando(a) como um ser legítimo em sua totalidade no seu saber, no presente vivido, e não como uma etapa momentânea de passagem para a vida profissional. A educação deve se assentar na formação humana e não na técnica, pois esse conhecimento está acessível a qualquer pessoa que desejar, em livros, nas bibliotecas e na própria internet, para o exercício e repetição contínua. Mas a educação que estimule um novo fazer dos(as) estudantes de fisioterapia, que sejam baseados na inquietação intelectual e no encantamento com o conhecimento só pode ser um educar que se dê no presente. O espaço educativo formal deve proporcionar atividades acessíveis ao fazer de educandos e educandas que incentivem a pessoa a olhar para esse fazer com liberdade para mudá-lo quando o desejar se, assim, o desejar.

Nesta perspectiva, o que deve ser buscado a ampliação da capacidade de reflexão de educandos e de educandas e não a transformação de seu ser, mas, sim, de seu fazer. Se nortearmos o convívio educativo, na prática reflexiva, muda o modo de agir do(a) educando(a). Cessa aquele que repassa informações num interminável desfiar de informações e de autores e se inicia um fazer educativo em que o perguntar e o instigar a reflexão, propicie que aos poucos os(as) alunos(as) possam ir construindo um conhecimento, baseados em um conversar e cooperar com seus

companheiros e companheiras de curso, possibilitando um fazer de responsabilidade e respeito, sobre si e os demais.

Tomei, portanto, nesta Dissertação de Mestrado estas duas proposições, (Biologia do Amor e Biologia do Conhecer) que considero centrais na obra de Humberto Maturana, como ponto de partida epistemológico para o desenvolvimento desta pesquisa de Dissertação de Mestrado.

Acredito que esse atuar fisioterápico, pautado no respeito e na amorosidade aos seus parceiros da equipe de saúde, baseada na horizontalidade das relações e num atuar de cooperação<sup>3</sup> e consensualidade estabeleçam, a partir de vínculos baseado na confiança com a comunidade, grupos e indivíduos a parceria em busca de atingir objetivos coletivos de saúde e de corpos mais saudáveis e autônomos.

Como forma de apresentar este autor que proponho como o principal referencial epistemológico, desta Dissertação de Mestrado, passo a seguir a uma breve biografia do mesmo.

### **3.5 Humberto Maturana – a Trajetória de um Pensador - O percurso de um pensador: da Biologia à cultura, da cultura à Biologia**

El científico debe ser audaz e honesto, capaz de enfrentar cualquier situación a que le levanduindagaciones por absurda, desagradable o difícil que parezca (Millas 1997, p. 128).

América Latina, Chile. Cidade de Santiago. 14 de setembro de 1928. Nasce Humberto Maturana Romesin.

Como foi cuidado exclusivamente pela mãe, pois os pais se separaram quando ainda era muito pequeno, reconhece ter sido marcante, em sua constituição como pessoa, a figura feminina materna.

Sua experiência inicial com a escola foi marcante. Custou a se adaptar. Fugia da escola, direto para sua casa. Sua mãe o levava de volta e ele tornava a fugir. Talvez porque o chamassem “anteojuda” (expressão que na língua espanhola designa aquele que usa óculos) e alguns o chamavam de “guatón” (expressão usada na região do Prata e Andina para nomear aquele que tem barriga grande. Barrigudo). Assim

---

<sup>3</sup> A expressão cooperar aqui utilizada tem como referência o que sugere Humberto Maturana, quando este autor propõe que cooperar é uma ação que só acontece na aceitação do outro como um outro legítimo em seu fazer. Seria *co-operar*: operar junto.

permaneceu por algum tempo e em decorrência tornou-se uma criança de poucos amigos.

Essa trajetória inicial na escola fez com que fosse alfabetizado um pouco mais tarde. Aprendeu a ler e escrever aos nove anos, mas isso não parece ter sido um problema relevante. Aos onze anos tinha interesses bem diversos de seus colegas. Fascinavam-lhe as palavras e seus sentidos em sua vida cotidiana. É possível que tudo isso tenha desenvolvido, já adulto, pelos estudos e pesquisas com a linguagem e pela compreensão de como se deu o processo de hominização, o surgimento do humano.

Há uma história muito ilustrativa para esse período de sua vida. Sua mãe trabalhava como funcionária “visitadora social”, em Santiago do Chile. Esse trabalho consistia em visitar famílias residentes nos subúrbios de sua cidade e em geral, eram famílias humildes, muitas vezes bastante pobres. Muitas vezes sua mãe precisava leva-lo junto. Maturana conta que em uma destas visitas a habitação era muito pobre. Encontraram deitada no chão uma mulher doente e maltrapilha. Ao seu lado, seu filho pequeno, menor que ele. O menino Humberto Maturana saiu dali pensando: “Yopodria ser esse nino, pero no ló soy y nada em mi justifica El que yotenga uma casa, pobre pero casa, que yopueda ir ao colégio y comer todos los dias, y que este nino no. No és mérito mio, és solo um regalo de La existência: nada de ló que tengo mi pertence y solo mi cabe estar agradecido mientras li tenga” (MATURANA, 1997, p. 40).

Outro fato marcante em sua biografia é que tentou mudar seu nome de registro algumas vezes. Chama a atenção que a primeira delas foi ainda criança e na escola. Como Humberto Maturana não foi criado pelo seu pai, achava injusto com sua mãe usar o sobrenome paterno. Passou a chamar-se SaschaRomesin. Percebeu como isso marcou, na época, pois ao encontrar um ex-colega da escola primária este o chamou: “SaschaRomesin, como te Vaz”?

Ao ingressar na Universidade do Chile foi obrigado a usar o nome Humberto MaturanaRomesin. Porém, a vida lhe pregou mais uma peça. Contraindo Tuberculose, doença muito grave para a época. Foi obrigado a permanecer dois longos anos internado em uma instituição hospitalar. Novamente utiliza o curioso recurso da troca de nome. Adotou o nome de Irigoitia. Justificou o novo nome como uma artimanha para se livrar da doença, como que a “enganando-a”, escolheu o novo nome como sendo um que nada tivesse com sua trajetória. E também essa troca foi levada muito a sério! Conta que ao visitar o hospital em que havia sido internado, um profissional de

saúde que o havia cuidado, ao passar por ele o interpelou: “Senhor Irigoitiaquegusto de verlo”.

Para o seu espanto e de muitos que o acompanhavam, recuperou-se completamente da doença tão nefasta. Com a alta hospitalar foi encaminhado a uma outra instituição para reabilitação de enfermos. Nesta tinha mais liberdade para fazer algumas caminhadas e pequenos passeios e pode, então, realizar estudos de autores que o influenciaram como pessoa e como cientista. São desta época de recuperação as leituras – de autores como Nietzsche e seu clássico *Assim falou Zaratustra* e Julián Huxley com *Evolução, uma síntese moderna*.

Como se sentia mais livre, a possibilidade de contemplar por horas uma plantação de trigo que ficava logo ao lado da instituição. Acompanhou todo o ciclo de desenvolvimento. A preparação da terra até a sementeira. O surgimento da planta e o seu desenvolvimento. Eram momentos que se habituou a fazer longas meditações. Maturana revela que estas eram verdadeiras práticas de serenidade e de tranquilização! Nestes momentos fez alguns poemas que carrega consigo até hoje.

Já relatamos como o pequeno Maturana se encantava com as palavras, seus significados e seus diversos usos. Assim também era sua admiração pelas plantas e pelos diferentes tipos de animais. Vibrava com cada ser “novo” que sabia da existência. Desde muito cedo quis estudar, como era de se esperar, a Biologia. No entanto, nesse período não havia a carreira de biólogo como uma profissão de nível superior. Então ao se formar no Liceu Manuel de Salas em Santiago de Chile, ingressou no Curso de Medicina Na Universidade do Chile.

Como estudante lhe interessavam questões não muito convencionais. Era aplicado, mas parecia não se importar em ser o melhor. Seu interesse e raciocínio não usual geravam perguntas a seus professores que muitas vezes não eram compreendidas. Evitava conflitos com colegas e professores. Fazia o que lhes pediam e também estudava o que queria e gostava.

A paixão surgiu, para Maturana, em seu primeiro ano de faculdade por uma colega da Medicina que veio a ser sua primeira esposa. Viajaram juntos pela África, Londres, estudaram em Harvard e conviveram nos tempos do MIT (Massachusetts Institute of Technology). Tiveram dois filhos. Quando a separação conjugal veio, foi com dor que Maturana a enfrentou.

Foi no quarto ano da Faculdade de Medicina que aconteceu um fato que deu uma guinada fundamental em sua vida e em sua carreira acadêmica. Um professor,

Dr. Francisco Hoffman, com a intenção de incrementar e qualificar o ensino de anatomia na Universidade do Chile, propôs ao formando Humberto Maturana que fosse estudar esta disciplina no University College da Universidade de Londres. Inicialmente Maturana não se interessou, mas ao tomar conhecimento de que o roteiro de viagem mais barato era de Buenos Aires-Espanha, passando pela África, passou a se interessar. Seu sonho de infância era justamente conhecer o continente Africano. Assim, com facilidade, aceitou o convite. A viagem era de navio. Enfim, iria realizar “La gran aventura de sua infância...conhecer a África...”. Maturana, bem-humorado, conta que o navio ficou apenas seis horas em um porto do continente africano. Seus estudos em anatomia em Londres duraram dois anos. Assim, estava pronto para, finalmente, se dedicar ao que sempre foi seu sonho. Foi para Harvard nos Estados Unidos estudar biologia.

Foi na Universidade de Harvard onde obteve seu doutorado, assim conseguiu uma bolsa de estudos para o MIT (Massachusetts Institute of Technology). Isso entre os anos de 1954 e 1960. Demonstrava uma obsessão em continuar o estudo sobre os seres vivos. A tese que apresentou foi sobre o sistema nervoso dos animais. No MIT desenvolveu estudos sobre os processos acerca da visão da rã, conjuntamente com o, então, colega Dr. Jerry Lettvin.

Ingressa na Universidade do Chile no curso de Medicina, no ano de 1960, onde começa a atuar como professor. Assim teve a oportunidade de aprofundar suas pesquisas sobre o que mais lhe interessava, verdadeiramente: entender as origens do humano. Ou como ele prefere: *Entender el sentido de lo humano*. Foi nesse momento que, além de investigar os processos neurofisiológicos da visão em pombos, começou a estudar **os sistemas vivos como sistemas autônomos**.

Com esses estudos e pesquisas desenvolveu os principais pressupostos, afirmações sobre o sistema nervoso dos animais. Ainda, suas elaborações e observações sobre o sistema nervoso vão desencadear uma nova abordagem sobre o fenômeno da vida humana. O autor chega a proposições que convidam a refletir sobre o operar dos seres vivos observados na sua biologia e nas interações no fluir de seu viver cotidiano.

Sobre sua vida e carreira de pesquisador, Humberto Maturana conta duas situações que o marcaram profundamente. A primeira ocorreu quando ele concluía o Liceu. Tinha 17 anos, no ano de 1949. A história se passa quando sua ex-professora o apresenta à um eminente cientista da época. Maturana contou que queria estudar

Medicina e Biologia para ser um cientista. Seu interlocutor, Don Juan Carlos Gómes Millas após escutá-lo atentamente, declarou com seriedade: *“El científico debe ser audaz e honesto, capaz de enfrentar qualquiersituación a que Le levensuindagaciones por absurda, desagradável o difícil que parezca”* (1997:128).

Esta declaração do respeitado cientista surpreendeu o jovem Maturana, deixando-o pensativo. Até aquele momento, não eram estas as qualidades que o haviam dito como necessárias para um cientista e pesquisador. Don Millas (1997, p. 130) ainda acrescentou: *“Así, si es necesario meterse em um pozo séptico y salirsinquejanidesgano”*.

O experiente cientista não lhe falou de grandes descobertas, não ressaltou a busca da verdade científica, da fama alcançada com as pesquisas. Humberto Maturana relata que, mesmo sendo muito jovem, as assertivas do eminente cientista, o marcaram profundamente, de tal maneira que essas o acompanharam por toda sua vida de pensador e pesquisador. Entendeu que ser cientista tinha muito a ver com responsabilidade, honestidade e dignidade do fazer humano do fazer humano. Nas palavras de Humberto Maturana (1997, p. 130): *“Me habló solo de respecto a si mismo, a La tarea que se emprende, y lacomunidad em que esa tare atine sentido y valor. Em suma. SUS reflexiones tuvieron um carácter espiritual: se referian a La integracion de ló humano em ló humano”*.

A respeito disso, Maturana (1997, p. 37) se define como uma pessoa que faz ciência: *“Si me interesa ser sério, honesto y responsable em mi hacer porque quiero estar siempre honestamente dispuesto a vivir lãs consequências de mis actos”*. Essa declaração acontece em uma época em que o apelo para o viver de aparências, da busca de sucesso e quando pouco se fala de honestidade, de sinceridade e de responsabilidade, principalmente, parece contrastar intensamente com o que tem sido o pensamento e a vida de Humberto Maturana.

Em outra declaração, Humberto Maturana se define como uma pessoa e um pensador, que não se preocupa com o exercício e busca do poder, e explica por que: *“O poder não se tem e sim se recebe pela obediência. Em outras palavras, em conceder poder em obediência, estamos entregando colaboração, mas sim, subordinação, e não entregamos respeito, mas sim submissão”* (MATURANA, 1997, p. 37).

Com a intenção de concluir essa sintética biografia, descobrimos Humberto MaturanaRomesín, como um Latino-americano, biólogo, graduado em Medicina,

cientista e pensador e que nos fala da linguagem, de emoções e fundamentalmente, nos fala de Amor. Suas proposições e ideias nos desafiam, inquietam e provocam a refletir sobre a visão de vida que levamos e experimentamos e faz um convite, a um reencontro com nós mesmos.

O que torna realmente surpreendente é quando nos damos conta de que este reencontro com nosso ser, com nossas emoções, se dará a partir da biologia e do contato íntimo com nossas experiências cotidianas.

O que propõem Humberto Maturana é que o amor é algo. É uma emoção, que está em nosso viver, pelo simples fato que esta é uma condição natural de ser vivo e integrante do reino animal. Particularmente, um ser vivo encharcado pela linguagem, estamos na linguagem. O aprender a ser humanos ocorre neste estar na linguagem e no entrelaçamento com as emoções. E não ao contrário como víamos até hoje, o amor como algo exclusivo no campo da psique. O desafio, então, passa ser transformar o ato da aprendizagem em uma educação para o amor.

A este entrelaçamento (linguagem/emoções) Humberto Maturana chama de *conversar*. Cabe ressaltar que este *conversar* é no sentido que Maturana (2004) dá para a mesma. Segundo este autor, a existência humana acontece no processo relacional do *conversar*. Nosso ser biológico, como humanos, se constrói na imersão do ato de *conversar*. *Conversar* é para Maturana, o entrelaçamento entre o racional e o emocional no processo da linguagem. Assim, podemos concluir que o devir humano ocorre no *conversar*.

Aqui se torna importante deixar claro qual é a referência quando tratamos de emoções segundo Humberto Maturana. Para o autor, emoção é uma dinâmica corporal que se vive como um domínio de ações, e se está em uma emoção ou não se está. Se temos que prestar a atenção, que pensar se estamos numa dada emoção é porque não estamos na emoção. A emoção é algo que se vive e não que se expressa.

Ao ser indagado, sobre como alguém percebe, em que emoção o outro está, responde: basta olhar para as suas ações! Segundo Maturana (1997, p. 41) “*Se queremos perceber a emoção do outro, devemos olhar suas ações, se queremos conhecer as ações do outro, devemos mirar sua emoção. Estas miradas só são possíveis na medida em que não pré-julgamos o que vamos ver antes de mirar, e, é este um ato de sabedoria*”.



Para Humberto Maturana, o que realmente conta é estar em paz com a forma de estar no mundo e não precisar, portanto, parecer ser quem não se é.

### **Datas que Marcaram...**

- \* 1928 - Nascimento em Santiago, Chile;
- \* 1947 - Ingressou na Universidade do Chile em Medicina;
- \* 1954 - Ingressou na University College of London para estudar Anatomia e Neurofisiologia (bolsa Fundação Rockefeller);
- \* 1958 - Obteve o título de Doutor em Biologia pela Harvard University;
- \* 1959 - Indicação ao Nobel de Medicina, juntamente com Jerome Lettvin (MIT);
- \* 1960 - Ingressa como Professor Adjunto de Biologia na faculdade de Medicina Na Universidade do Chile;
- \* 1965 - Fundou o Instituto de Ciências e Faculdade de Ciências da Universidade do Chile;
- \* 1970 - Criou e aprimorou o conceito de Autopoiesis e, a partir deste conceito, a Biologia do Conhecimento;
- \* 1990 – Designado Filho Ilustre da Comuna de Ñuñoa (Santiago do Chile) e declarado Doutor Honoris Causa pela Universidade Livre de Bruxelas;
- \* 1992 - Juntamente com o Biólogo Jorge Mpodozis, desenvolveu a teoria da Evolução das espécies por meio da Deriva Natural (Fenótipo Ontogênico);
- \* Fundador docente do Instituto de Formação Matrística, onde trabalha o desenvolvimento da Dinâmica e da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana;
- \* Em 5 de agosto de 2006 um incêndio destruiu totalmente o Laboratório de Neurobiologia e Biologia do Conhecer da Faculdade de Ciências da Universidade do Chile, onde trabalhava juntamente aos biólogos Jorge Mpodozis e Juan Carlos Letelier. Maturana sentiu-se muito impactado pelo desastroso resultado do sinistro e com a perda do laboratório que também fora lugar de trabalho de Francisco Varela (então falecido). Ao ser inquirido sobre a perda, disse: “O principal está no coração e na mente. Isso não se queimou”. Atualmente desenvolve em colaboração com Ximena Dávila, a difusão das ideias da Biologia do Conhecer e do Amar, além do conceito Cibernético “EnTiempo Cero” e a Biologia Cultural. (pt.wikipedia.org/wiki/Humberto\_Maturana. Prezi.com/yccfdof22mjs/Humberto-maturana-vida-e-obra/)

### **3.6 A formação do professor**

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2003, p.78).

A educação, neste sentido, deveria ser parte essencial da humanização de homens e mulheres e não uma desintegração de valores; uma fragmentação do conhecimento e da vida. A educação tem de ajudar o ser humano a cumprir a sua vocação ontológica e, para isso, é necessário que cada um seja ator/autor de sua história educacional, num processo de construção do conhecimento e do autoconhecimento. Sem esse processo de construção, em meu entendimento, não há modificação deste fazer, que necessariamente é novo e, portanto, inédito. Arroyo (2000, p.48) afirma:

Os professores devem ser capazes de trabalhar em ambientes escolares que possam tornar-se centros de conhecimento coletivo e de solidariedade. Devem estar preparados para compreender a importância de um discurso democrático e as contradições da diversidade cultural. (ARROYO, 2000, p.48)

Percebe-se que um dos principais pontos presentes na área educacional está ligado à formação de professores e professoras e, estes, nem sempre correspondem às expectativas sociais. Arroyo (2000) destaca que as manutenções de muitas práticas pedagógicas utilizadas, por antigos mestres, deixaram suas marcas e muitas delas perduram até hoje. É neste sentido que Maturana (2001) define a vida como um processo permanente de conhecimento e descoberta, identificando o viver com o conhecer. Assim, construímos o mundo na interação com o outro, influenciados e modificamos na mesma medida em que somos também modificados e influenciados. É neste coexistir que percebemos e passamos a conhecer nossa realidade.

Outro autor que também traz grande contribuição neste sentido é Paulo Freire. Ele descreve o processo da transformação do indivíduo através da educação dentro de um ambiente de relações de respeito. Transformar no sentido de que o educando se torne o “verdadeiro sujeito da construção” de seu conhecimento. Aqui há, acredito, entrelaçamento com a obra de Maturana (1998), quando este fala do atuar em responsabilidade, liberdade e respeito por si próprio e pelo outro:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível à pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. (FREIRE, 2008, p.26).

Para Freire, a educação é um processo que se dá na interação, nas relações que estabelecemos. O autor adverte para o fato de que *“conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo a ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir”* (FREIRE, 1997, p.51).

Assim que, a educação ocorre em diferentes momentos e em diferentes lugares e mobilizamos todo nosso ser neste processo de educar-se. Neste sentido, a educação das pessoas ao passar pela escola, pelos espaços educativos “formais” – as universidades onde se forma os fisioterapeutas são um destes espaços - é influenciada pelos modelos e projetos em andamento naquele dado momento histórico e cultural. Porém, as emoções jamais podem ser relegadas a um plano inferior ou mesmo serem negadas como muito usualmente o são na educação nos seus mais diferentes níveis. Este negar, este desconhecimento sobre nossa constituição emocional é algo que precisa ser refletido com radicalidade. O ser racional que frequentemente é referido para fazer distinção do ser humano dos outros animais, para Maturana, é uma afirmação que restringe nossa visão sobre nós mesmos. Quando nos declaramos racionais, estamos na verdade procurando desvalorizar as emoções, e,

Não vemos o entrelaçamento entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação (MATURANA, 1998, p. 15).

Desta maneira, a educação só será significativa para os(as) educandos (as) quando estes(as) estiverem em um ambiente de respeito, onde se valorize o diálogo e, principalmente, a singularidade de cada um na medida em que “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.” (FREIRE, 2008, p.28,).

O que ocorre em nossas universidades, do ponto de vista da sua estruturação curricular, de suas propostas pedagógicas, didáticas, metodológicas e organizativas de seu cotidiano não é, nem poderia ser diferente do que ocorre nas escolas da educação básica. O pesquisador da educação brasileira e professor Reinando Matias Fleuri, ao refletir sobre o espaço educativo escolar faz uma fundamental constatação que pode ser de grande valia para repensarmos os currículos dos nossos cursos de graduação universitária. Vamos ao que nos coloca Fleuri(2008, p. 31):

O espaço escolar é, geralmente, constituído por um conjunto de edifícios cercados. Sua subdivisão em salas, corredores, e pátios faz com que os indivíduos sejam identificados e obrigados a desempenhar, de modo articulado, diferentes funções. A ordenação por fileiras reparte e classifica os indivíduos num quadro vivo, tornando possível o controle da atividade de cada indivíduo, assim como do trabalho simultâneo de todos. As atividades escolares são previstas e controladas mediante o horário de aulas e intervalos. Nas diferentes aulas, as atividades são diferenciadas de modo a exigir adaptação a exigências formais diferenciadas por matérias e professores: Português, Matemática, Geografia, Ciências, Educação Física, etc. Mas, em todas estas áreas, exige-se, invariavelmente, a sujeição aos condicionantes impostos pelas carteiras, cadernos, apostilas, chamadas, questionários, provas, sinais, etc. (FLEURI 2008, p. 31).

Como não perceber nesta narrativa de Fleuri um importante ponto de diálogo com o que propõe Freire e Maturana, quando estes nos desafiam a pensar uma educação que seja pautada pelas emoções e não pela razão. E não são emoções quaisquer. Emoções que nos levem a aceitação mútua, a amorosidade, a cooperação, enfim, uma educação que para merecer realmente este nome não precise de adereços, de adjetivações do tipo inclusiva, cidadã, etc. Como nos adverte Barcelos (2004, p.22) quando afirma que:

Quando tratamos de educação defendendo que opor inclusão à exclusão é algo sem sentido. Porque digo isto? Pelo simples fato de que se um processo educativo não está promovendo a inclusão das pessoas nele envolvidas não merece o nome de EDUCAÇÃO. Educação e inclusão são inseparáveis. Ou acontece a inclusão, o envolvimento, o protagonismo de educandos(as) e de educadores(es) ou não temos educação acontecendo. Poderemos ter muitas coisas acontecendo. Poderemos ter de tudo. Menos EDUCAÇÃO. Portanto, falar de *educação inclusiva*, por exemplo, é uma redundância. É mais ou menos como eu dizer que alguma coisa “caiu para baixo” ou que “subiu para cima”, “entrou para dentro”, etc. (BARCELOS, 2004, p.22).

### 3.7 O Ensino da Fisioterapia – pensando a Docência em Fisioterapia

A educação necessita de um encontro comum e, em especial, de um espaço de partilhamento de emoções comuns. Exemplo: um espaço educativo em que a emoção comum seja o amor ao outro (BARCELOS, 2014,p. 47).

O ensino da fisioterapia no Brasil tem evoluído juntamente e paralelamente ao desenvolvimento da profissão, como na breve retrospectiva que vimos anteriormente. Inicialmente, surge a fisioterapia como um conhecimento técnico vindo da Europa e mais tarde, na medida em que surge a necessidade de auxiliares técnicos nesta área, desenvolvido por profissionais médicos. Vai se dando, informalmente, a formação de técnicos em fisioterapia e reabilitação para atendimento em serviços criados no Rio de Janeiro e São Paulo. Aconteceram em função da grande demanda de portadores de sequelas de poliomielite e do crescente número de acidentes de trabalho. As primeiras experiências no ensino na fisioterapia devem ter sido caracterizadas apenas pelo caráter técnico e informativo deste auxiliar médico.

Em 1951 é criado o primeiro curso técnico de fisioterapia no Brasil, mas somente em 1969 a Fisioterapia passa a ser reconhecida como um curso de nível superior no Brasil.

É importante destacar que esses dados históricos demonstram que a Fisioterapia, como conhecimento e prática, surgem socialmente, como uma demanda de uma sociedade que se desenvolvia e de um conhecimento importado do norte, Europa e América do Norte, através de médicos que lá estudavam. A fisioterapia que se fazia no Norte surgiu dentro de uma realidade *do norte*, e passou a ser executada a partir dessa realidade em nossa realidade tropical, sem as naturais e necessárias adaptações e modificações.

Todo processo científico que desenvolveu e norteava as pesquisas e as práticas médicas seguiam os fundamentos da física clássica de Isaac Newton, a filosofia de René Descartes e a metodologia científica de Francis Bacon (SANTOS, B. S., 2010).

Pensava-se que matéria era à base de toda existência, e o mundo material era visto como uma profusão de objetos separados, montados em uma gigantesca máquina. O universo Newtoniano era um sistema mecânico que funcionavam de com leis matemáticas exatas. A concepção mecanicista da natureza estava relacionada a um rigoroso determinismo, onde tudo que ocorre é causal e determinado. Tudo o que

aconteceu teria tido uma causa definida, dando origem a um efeito definido, e o futuro de qualquer parte do sistema poderia ser previsto, com absoluta certeza, se se conhecesse seu estado inicial (BRAZ, 2006).

Essa realidade científica que estava presente na medicina científica e biomédica foi implantada na fisioterapia brasileira, que recém surgia. Ora a realidade nos trópicos é bem outra da realidade do Norte. Nosso povo vive imerso em um conviver onde o toque, o brincar e inclusive o cooperar, diante de, às vezes, necessidades tão presentes, são parte integrante de nosso dia a dia. Deveriam, portanto, fazer parte também de nossa realidade educativa, investigativa e também terapêutica. A imagem do (a) pesquisador(a), do(a) professor(a) e do(a) terapeuta, sisudo e distante está em conflito com nossa realidade. Cabe ressaltar que ser sisudo e distante não confere naturalmente o caráter de respeitabilidade e envolvimento necessário o(a) pesquisador(a) e educador(a) em seu cotidiano.

Assim, vemos a Educação na Fisioterapia, como área de conhecimento, que vem se ampliando seus olhares no seu próprio fluir de viver. Houve a constituição de um conhecimento em cima de nossas particularidades e paradigmas. São experiências, saberes de ciência que abordam a epistemologia do conhecimento e estratégia de novas metodologias, que instrumentalizam o fazer na educação. O processo pedagógico na área da Saúde também é discutido, refletido, construído e reconstruído, para atender a demandas educacionais e sociais do mundo contemporâneo.

Nesse cenário, a educação em Fisioterapia vem sendo (re)estudado, (re)discutido, (re)visto e continuamente atualizado, agregando novos conceitos com base no cotidiano do ensino, pesquisa e extensão. Dentro desse processo educativo e de produção científica, merece destaque o Fórum da Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO), que constitui um espaço privilegiado para o intercâmbio de experiências. No entanto, apesar das discussões, os PPP's dos cursos de fisioterapia na maioria das Instituições de Ensino Superior (IES) parecem perpétuos e intocáveis, distantes de possibilidades de ações reflexivas que gere transformações tão necessárias, trazendo os currículos mais próximos da nossa realidade, aproximando-se dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Não é objetivo desta dissertação, proceder a análise curricular dos Cursos de Fisioterapia em Instituições de Ensino Superior (IES). No entanto ao abordar criticamente o ensino de fisioterapia, no sentido de colaborar criticamente para esta

discussão, irei relatar a experiência de que ocorreu no curso de Fisioterapia da UFPR Litoral.

Na UFPR não havia curso de fisioterapia até 2005. No momento em que a decisão de criar este curso foi tomada, uma equipe de professores (fisioterapeutas e de outras áreas do conhecimento) trabalharam em conjunto, em uma abordagem interdisciplinar, aprimorando a proposta de implementação deste curso. Buscando uma formação diferenciada para os futuros fisioterapeutas, o PPP é norteado em três eixos curriculares: Fundamentos Teórico-Práticos (TFP), Projetos de Aprendizagem (PA) e Interações Culturais e Humanísticas (ICH) (SIGNORELLI et al., 2010)

A UFPR Litoral localiza-se em uma cidade litorânea chamada Matinhos e é uma região bastante carente, mas que triplica no verão. A UFPR tem como estratégia o desenvolvimento social e a democratização do acesso através da política de cotas. Como já havia dito, não havia, até 2005, curso de Fisioterapia na UFPR. Quando foi decidido pela abertura, foi em Matinhos, no chamado Setor Litoral, como forma de produzir um agente de desenvolvimento sustentável na região, conforme os já citados autores do artigo que me baseio para tais descrições.

Segundo os autores, Signorelliet al (2010:4) era preciso repensar as estratégias pedagógicas,

O paradigma tradicional de ensino, centrado no conhecimento fragmentado em disciplinas e na figura do professor, detentor do saber e transmissor de conhecimento; em currículos engessados e focados no tecnicismo das profissões; em departamentos que não dialogavam entre si, bem como profissões que não se comunicam, este modelo vem se mostrando extremamente ultrapassado. (SIGNORELLI et al., 2010, p.04)

O grupo de professores que se reuniam, para gestar o novo curso de fisioterapia percebeu que era necessário repensar um novo paradigma que norteasse o novo curso. Esse novo paradigma emergiu principalmente com base em fundamentos teóricos de autores como Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Humberto Maturana, Edgar Morin, entre outros, em contraponto a visão reducionista e cartesiana que tem pautado a educação e a investigação científica. Ao citar Humberto Maturana, acertadamente o artigo diz:

...criadores da Teoria da Autopoiese e da Biologia do Conhecer... Em síntese, sua teoria e forma de pensar acabam com o antigo dualismo mente-corpo,

identificando o processo de viver com o processo cognitivo. Estes autores identificam o processo de conhecimento construído a partir das interações. Em seus postulados, destaca-se o resgate das emoções, num processo de revalorização das mesmas. Essa teoria emerge dentro de uma conjuntura atual que tem escondido as emoções, por ir contra a razão. Maturana coloca o ser humano como um ser vivo em particular e que o amor é uma emoção que o sustenta, sendo fundamental na aceitação do outro (SIGNORELLI et al., 2010, p. 4).

Em cima de reflexões, que os autores anteriormente citados provocaram, apresentaram as principais contribuições teóricas, que vou sintetizar. O curso tem como peculiaridades, entre outras: a aprendizagem baseada em trabalho por projetos; os três eixos curriculares anteriormente mencionados (FTP, ICH e PA); a organização das atividades formativas em três fases: 1) conhecer e compreender, 2) compreender e propor e 3) propor e agir; e a gestão política, administrativa e pedagógica realizada por uma câmara interdisciplinar de docentes, técnicos e discentes.

E mais, colocam os autores, que houve outro fator, que considero significativo, colocado por Maturana e Varela que é a valorização das emoções:

Nesse sentido, refletiu-se sobre o extremo tecnicismo com que as carreiras acadêmicas vêm direcionando a formação, de modo especial na área da Saúde. Esse tecnicismo acentuado muitas vezes deixa de lado os aspectos subjetivos do ser humano, fundamentais em profissões que lidam com seres humanos, como no caso da Fisioterapia. Assim, ao longo de todo o curso, compõem o mapa curricular as ICH, que correspondem a 20% da carga horária. Nesse espaço curricular, estudantes de diversos cursos da UFPR Litoral participam juntos de atividades, como oficinas, debates, vivências, saídas de campo, práticas, que permitem uma sensibilização para as questões que Maturana e Varela colocam, estimulando a interação e a interprofissionalidade. (SIGNORELLI et al., 2010, p. 5).

Considero ainda importante destacar, que está experiência enriquecedora, do curso de Fisioterapia da UFPR Litoral, possui um alicerce legal, ético e humano é fundamental na execução do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) citado, que vislumbra a formação de um profissional fisioterapeuta com perfil diferenciado, considerando o conceito ampliado de saúde, os ciclos da vida humana e os diferentes níveis de complexidade. Segundo os autores:

Assim, o futuro profissional deverá desenvolver habilidades e competências técnicas com características humana, crítica, autônoma e pró-ativa na busca do exercício da cidadania e do profissionalismo responsável, procurando sempre a inovação em saúde para atender às necessidades da sociedade onde atua. (SIGNORELLI et al., 2010, p. 6).



Em cima dessa rica experiência, que professores e alunos vivenciam na UFPR litoral, colaboro com a reflexão sobre o ensino da fisioterapia, particularmente, a partir deste próximo parágrafo. Os semestres iniciais da formação superior em Fisioterapia são particularmente importantes, pois passam a ser, as primeiras impressões ao acadêmico e a acadêmica que recém ingressaram no curso. Não há dúvida que isso tem grande importância.

A fisioterapia tem, historicamente, uma série de equipamentos que são clássicos e estabelecidos como necessários em um serviço ou clínica de fisioterapia. Equipamentos herdados e importados dessa realidade pós-guerra, do *Norte*. Podemos dividir esses equipamentos em áreas como: mecanoterapia, eletroterapia, hidroterapia (a eletroterapia, a hidroterapia e outros recursos tecnológicos são importantes se colocados dentro de uma dimensão terapêutica e não são esta dimensão), etc. São equipamentos que se interpõem entre o paciente e o acadêmico de fisioterapia e são muito presentes no ensino da fisioterapia. Particularmente no início desta aprendizagem.

Acredito que o perfil desse profissional e, portanto, também, desse processo de ensino-aprendizagem este intrinsecamente ligado ao toque. Talvez seja a profissão mais ligada ao tocar. Pelo menos o tocar com delicadeza, com generosidade. Talvez seja a condição profissional mais autorizada ao toque terapêutico. Como o tocar materno (para Maturana esta condição também pode ser desenvolvida pelo homem, pelo pai), que cura e acalma. Todos e todas já passamos ou deveríamos passar pela experiência em que o tocar nos acalma e nos possibilita mais equilíbrio.

Praticamente todo conhecimento e métodos criados por fisioterapeutas, em uma história mais recente em seu desenvolvimento profissional, são baseados no toque, na terapia manual e nos movimentos e posturas corporais. A tecnologia, assim, deixa de interpor a(o) paciente e ao(a) fisioterapeuta e passa acontecer no tocar e no(a) paciente, na medida em que o toque estimula a sensação e a percepção do paciente, possibilitando a este criar novos vínculos, uma comunicação com o próprio corpo através de uma contextualização do seu viver. São também, curiosamente, métodos que se propõem globais e que em sua maioria resgatam as emoções em continuum com o corpo.

O toque e a abordagem ao paciente não podem ser agressivos, rudes ou transgressivos, pois a defesa é algo da natureza corporal e está em completa oposição a confiança que devem existir nesta relação. O toque e a relação paciente e

fisioterapeuta devem ser baseados na consensualidade e na confiança mútua, (MATURANA, 1998) e na amorosidade (FREIRE, 2008).

Essas atitudes ou emoções, de consensualidade e confiança, somente podem ser praticadas, no fluir de viver da terapia, no momento em que se abandona a autoridade junto ao paciente. Pois, conforme Maturana (1998), a autoridade e a hierarquia inibem a existência de relações sociais, como é a vida no trabalho e na política. Assim, a terapia fisioterápica, somente estimulará propiciando e mediatizando o reequilíbrio, para novamente estabelecer a autonomia do ser e do fazer, a liberdade de movimentos e a retomada da confiança do paciente, inclusive sobre o seu próprio corpo.

No momento que o profissional abrir mão da autoridade e aceitar o paciente como um legítimo outro, com sua história e seus saberes, principalmente sobre e a respeito da sua biologia. Nesse momento irá surgir algo, um novo vínculo entre os dois atores no cenário terapêutico, um vínculo baseado na liberdade, responsabilidade e confiança mútua: a parceria. Se observarmos esta atitude no fazer dos profissionais da saúde, principalmente nos hospitais, certamente ficaremos horrorizados com as relações que se estabelecem, “em nome do bem-estar dos pacientes” e do “controle do ambiente hospitalar”.

Seguindo o que afirma Humberto Maturana nem toda a relação é uma relação social. Para o autor uma relação ser reconhecida como uma relação social, precisa se pautar no acolhimento, na aceitação mútua do outro como um outro legítimo no seu viver. Barcelos (2015, p. 35) se refere a esta questão apoiado em Maturana quando escreve que, “Quando perguntado por que usa a palavra amor para falar da emoção do acolhimento, da aceitação, o autor faz uma longa reflexão para justificar o uso desta expressão – amor – ao invés de outra. Começa dizendo que a usa por ser esta uma palavra de uso comum, corriqueiro em nosso cotidiano”. Nesta perspectiva, para Humberto Maturana, a palavra amor,

Faz referência à emoção fundamental que constitui o social. Em outras palavras, estou dizendo: o social é uma dinâmica de relações humanas que se funda na aceitação mútua. Se não há aceitação mútua e se não há aceitação do outro, se não há espaço de abertura para que o outro exista junto de si, não há fenômeno social” (MATURANA, 2001, p.47).

Nesta maneira de conceber esta questão, para Barcelos (2015) algumas relações como: as relações de trabalho não seriam, verdadeiramente, relações

sociais. De outro modo, toda e qualquer relação pautada na autoridade e na dominação de um ser humano sobre outro ser humano não é uma relação social. Um clássico exemplo disto são os sistemas hierárquicos organizacionais, como as forças armadas: elas são, para Maturana, uma “Maquinaria de um tipo no qual cada pessoa deve fazer algo, mas não é um sistema social” (MATURANA, 2001, p. 49). Além disto, Humberto Maturana afirma que as emoções não só fundam nossas ações como elas passam a constituir esses espaços de ações e ou de orientação de nossas condutas cotidianas. Ou seja: orientam o fluir de nosso viver.

Neste caso, nos referimos ao um fluir do viver que, mesmo quando dizemos que estamos tendo uma atitude racional, estamos, na verdade, tendo uma emoção que a funda. Uma prova disto é que basta que se mude a emoção para que se mude, também, a conduta racional. A partir desta forma de ver esta questão é que, para Humberto Maturana, o amor é a emoção que funda o social. Nas palavras de Maturana,

Digo também que na medida em que as emoções fundam os espaços de ação, elas constituem os espaços de ação. Sim, não há nenhuma atividade humana que não esteja fundada, sustentada, por uma emoção, nem mesmo os sistemas racionais, porque todo sistema racional, além disso, se constitui como um sistema de coerências operacionais fundado num conjunto de premissas aceitas a priori. E essa aceitação a priori desse conjunto de premissas é o espaço emocional. E quando se muda a emoção, também muda o sistema racional. Todos sabemos que numa discussão, numa argumentação entre duas pessoas irritadas, quando escutamos o argumento, ele nos parece impecável se aceitamos as premissas das quais se origina. Podemos dizer a uma delas: "Olha, esquece o que ele disse: ele disse isso porque estava irritado, mas quando passar a irritação vai dizer outra coisa." E, efetivamente, passa a irritação e há outra argumentação racional, impecável a respeito de outra coisa que parece contradizer a anterior. E de fato a contradiz, porque as premissas fundamentais nas quais se funda essa outra racionalização são distintas. O que mudou são as premissas fundamentais da argumentação que se aponta. E essa mudança é emocional. (MATURANA, 2001, p.48).

Ao levar estas questões em consideração é que podemos afirmar que a terapia fisioterápica, somente estimulará propiciando e mediatizando o reequilíbrio, para novamente estabelecer a autonomia do ser e do fazer, a liberdade de movimentos e a retomada da confiança do paciente, inclusive sobre o seu próprio corpo, no momento que o profissional abrir mão da autoridade e aceitar o paciente como um legítimo outro, com sua história e seus saberes, principalmente sobre e a respeito da sua biologia.

Esta proposição de ação profissional do(a) fisioterapeuta, quero relacionar com a proposição de Humberto Maturana sobre a necessidade da aceitação mútua entre educador e educando para que o ato educativo aconteça.

Para Humberto Maturana, a educação não deve se preocupar em formar pessoas para serem úteis à sociedade, mas, sim, deve buscar o seu crescer integrados a comunidade em que vivem. Na educação não cabe buscar ensinar valores, pois, valores não se ensinam, deve-se vivê-los em harmonia e na aceitação mútua do outro. A cooperação não pode ser ensinada, precisa ser vivida na aceitação mútua e no respeito por si e pelo outro.

O espaço educacional de convivência na biologia do amor precisa ser vivido na amorosidade e no encanto do ver, ouvir, sentir, cheirar, tocar e refletir. Crianças, jovens e seus mestres devem se encontrar numa conduta sem preconceitos e sem exigências, na convivência do espaço escolar amoroso. Deve-se dar prioridade para emoções que ampliem a capacidade de inteligência das crianças, tais como: cooperação, aceitação, solidariedade, acolhimento, respeito mútuo, liberdade, responsabilidade. De outra forma, deve se evitar emoções que restrinjam a inteligência, tais como: a inveja, a competição, a ambição. Estas emoções acabam restringindo a capacidade criativa e a espontaneidade das crianças. Para Humberto Maturana, só o amor amplia a inteligência.

Os diferentes ritmos de aprendizagem dos educandos e educandas devem ser levados em conta e respeitados no processo educativo. O tempo necessário, segundo as especificidades de cada estudante, precisa ser respeitado e aceito de forma natural. Ou seja: não devem ser tomadas como faltas, como deficiências, mas, sim, como insuficiências momentâneas no fazer do estudante. Assim sendo, podem ser corrigidas na medida em que o educar vai acontecendo na aceitação mútua (biologia do amor) e no autorespeito. Recorro, novamente a Barcelos quando este nos alerta para o fato de que:

A principal preocupação da educação não deve ser orientada para os resultados do ato educativo no futuro, mas, sim, deve estar voltada para os fazeres da criança no momento de seu fazer: o presente. É a forma de viver o presente, na aceitação mútua (biologia do amor) que definirá o que acontecerá no futuro (BARCELOS, 2012, p. 73).

Assim irá surgir algo, um novo vínculo entre os dois atores no cenário terapêutico, um vínculo baseado na liberdade, responsabilidade e confiança mútua: a

parceria. Se observarmos esta atitude no fazer dos profissionais mais tradicionais da saúde, percebemos como as atitudes de autoridade e de controle (desconfiança) inibem a autonomia deste paciente. O profissional que baseia sua prática clínica e terapêutica na autoridade e no controle só tem um interesse: seu sucesso profissional. E o(a) paciente não é um ser legítimo, mas uma estatística em seu currículo.

Essa relação nasce, ou melhor, deve ser resgatada e exercitada na relação do(a) professor(a) com educandos e educandas, já que a confiança mútua e as ações consensuais fazem parte da nossa natureza. Estão marcadamente presentes, hoje, na relação de mútua confiança dos(as) filhos(as) com suas mães e alguns pais. São nossa herança matrística que se prolonga, escapando ao controle patriarcal, até os dias de hoje. O fazer matrístico esteve presente e foi responsável pela nossa história de hominização. Eram baseadas na cooperação, aceitação do diferente num fluir de viver baseados no companheirismo, no afeto e na sensualidade. Nesse período, os humanos viviam em pequenos grupos e sobreviviam com atividades colheitadeiras, onde machos e fêmeas participavam igualmente dos cuidados com as crias (MATURANA, 2004).

### **3.8 O sentido das Emoções na formação do professor de Fisioterapia**

#### **3.8.1 As emoções**

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação (MATURANA, 1998 p.15).

A formação docente de modo geral e a do professor de fisioterapia em especial, precisa estar baseada no conhecimento como forma de enriquecimento, que permita uma atitude reflexiva e afirmativa, bem como precisa estar atenta para o fato de que o ser humano se constitui por meio de processos culturais que orientam seu devir cotidiano, Que esse enriquecimento tenha como valores a liberdade e a responsabilidade, onde o outro seja estimulado e convidado ao acolhimento e para interações baseadas na confiança.

Neste sentido o conhecimento deve comportar tanto a diversidade quanto a multiplicidade. Estamos longe de uma definição reduzida a uma só noção,

como a informação, a percepção, a descrição ou a ideia. É necessário, assim, conceber o conhecimento em vários níveis, pois é um fenômeno multidimensional, no sentido de que, de maneira inseparável, é simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural, social (PENA-VEGA, 2003, p. 53).

Posso dizer com isto, que esta formação do professor de fisioterapia precisa estar em constante construção, em constante reflexão. Como educador busquei nas convivências com meus alunos(as), significar um pouco deste processo de constante reflexão. Acreditava, e ainda acredito, neste encantamento que o conhecimento pode proporcionar. Dessa forma o educador(a) pode propiciar ao(a) educando(a) ir construindo, aos poucos, o seu próprio conhecimento, com descobertas que vai fazendo em um ambiente criativo onde o *conversar* (MATURANA, 2004) proporcione o caráter ativo e dialógico da educação. Isso se torna necessário para que ocorra uma aprendizagem, na qual aquele que aprende se sinta parte do processo de transformação.

Nesse processo democrático e de igualdade com o aluno(a) há a necessidade de valorizar mais nossas emoções, perceber nosso mundo, não o desintegrando e, sim, como sugere Maturana, buscar compreendê-lo em sua totalidade,

Sentir-se animal, aprimorar instintos, faro, visão e a intuição. Nós, seres humanos, somos animais que utilizam a razão, a linguagem, para justificar nossas emoções, caprichos, desejos...e, nesse processo, nos desvalorizamos porque não percebemos que nossas emoções especificam o domínio de racionalidade que usamos em nossas justificações (MATURANA, 1999, p.186).

Portanto, uma formação, não se restringe a livros ou, somente a espaços fechados. A formação passa a ser um constante processo de reflexão sobre nossas atitudes. É necessário que a aprendizagem transforme-se em uma aventura, fazendo com que tenha realmente significado para o aluno que está, naquele momento, buscando responder suas dúvidas. Para que isto aconteça é necessário que haja uma relação de respeito/amor. Pois,

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que conservação de um modo de vida no qual o amor, aceitação do outro como legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para desenvolvimento físico, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. Num sentido estrito, nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele. (MATURANA, 1999, p.25).

Assim, o amor é um domínio de ações em que cada um reconhece o outro como um ser legítimo na convivência, como coloca Maturana (1999, p. 18): “o entrelaçamento do emocional com o racional”. Em nossos espaços educacionais, em nossas salas de aulas, a convivência e o respeito com os alunos, pacientes, enfim com todas as pessoas, são fundamentais para o entendimento desse entrelaçamento.

Quando penso no papel das emoções, ou seja, na importância da afetividade, mais especificamente, na formação do professor de fisioterapia, remeto-me, exatamente, a esta ideia de formação. Uma formação que nunca se encerra. Esta concepção de formação humana é orientada pela proposição Freireana de que o ser humano está em permanente mudança. É o que Freire (2008) denomina de “inacabamento do humano”.

Ao se referir a este inacabamento, Freire o considera algo muito particular. Afirma que todo ser vivo é inacabado. Contudo, a diferença, reside no fato de que eu sei que sou inacabado, enquanto um beija-flor ou um leão não têm essa compreensão – talvez porque dela não precise. Como propunha Freire (2003:30) *“eu sou inacabado, a árvore também o é, porém eu sou mais inacabado porque sei que sou inacabado”*. Sou muito atraído pela expressão usada por Freire quando diz que o formador e professor devem ser um eterno buscador. Neste sentido, esperança e busca, caminham juntas no ato de educar para a liberdade, para a democracia, para a solidariedade e para a cooperação.

Por isto, acredito que seja muito importante o papel do professor enquanto aquele que aciona diferentes maneiras de conduzir a aprendizagem. E, mais ainda, quando esta aprendizagem for acionada pelas atitudes de respeito, carinho, e afetividade, seus resultados serão, a princípio, resultados de integração com o meio e com o grupo. Uma relação de cuidado e de respeito. Este conviver com o outro, implicando em uma transformação espontânea, existe na medida em que ocorre a aceitação do outro como legítimo em sua diferença, ou seja, a abertura para alteridade<sup>4</sup> e a abdicação de ações autoritárias.

---

<sup>4</sup> Expressa a qualidade ou estado do que é outro ou do que é diferente. Um dos princípios fundamentais da alteridade que o homem (humanidade) na sua vertente social tem uma relação de dependência com o outro. Por este motivo, o “eu” na sua forma individual só pode existir através de um contato com o “outro”. Quando é possível verificar a alteridade, uma cultura não tem como objetivo a extinção da outra. Isto porque a alteridade implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes. (baseado no verbete encontrado em [www.significados.com.br](http://www.significados.com.br). 30/06/2015).

Esta emoção de aceitação é vista por Maturana como um processo mútuo e recorrente. Neste sentido, a atuação docente pode ser em muito qualificada a partir da compreensão de que o ato de aprender é a transformação do ser vivo que acontece numa relação de convivência e num ambiente de aceitação mútua. Assim que, para Maturana,

O aprender se dá de uma maneira ou de outra na transformação que tem lugar na convivência e consiste viver o mundo que surge com o outro...As condições para a convivência começam na aceitação mútua da relação materno-infantil, logo se expandindo para a aceitação das condições de existência na comunidade social a qual se pertence. (MATURANA, 1997, p. 255).

Maturana insiste nesta emoção de aceitação mútua como fundamental para a constituição de uma relação humana na responsabilidade, na liberdade e na cooperação. Maturana, ao ser indagado em por que dá tanta importância para a emoção do amar e da aceitação mútua do outro assim se manifesta, dizendo que

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, aceitação do outro como legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para desenvolvimento físico, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. Num sentido estrito, nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele (MATURANA, 1999, p.25).

Esta disposição para ações de aceitação ao estranho é um tipo específico de emocionar, denominada por Maturana como “amor” (1998, p. 22). Tal emocionar seria o tipo de disposição para a ação que funda a própria linhagem biológica de nós, seres humanos, no sentido de nos permitir o desenvolvimento das *coordenações de ações de coordenações de ações* recursivas consensuais que nos caracterizam como animais linguajantes, e, com isso, capazes de cooperação e de crescimento em redes de aprendizagem. Para ele, A biologia do amar é o fundamento biológico do mover-se de um ser vivo, no prazer de estar, onde está na confiança de que é acolhido, seja pelas circunstâncias, seja por outros seres vivo. É neste sentido que educar (ensinar) não é, apenas, transferir conhecimentos e conteúdos tampouco apenas formalizá-los. Educar é, sim, propor-se a uma relação pessoal cooperativa, de abertura ao novo, incentivando o aprendiz a partir de um emocionar específico de aceitação que leve à aceitação mútua.



Novamente recorro ao que propõe Maturana sobre o que significa o ato de educar. Para Humberto Maturana o ato de educar e de educar-se se constitui nas relações de interação e de convivência entre os diferentes seres vivos. Não importando se são crianças, jovens ou mesmo pessoas adultas. O autor reforça sua proposição dizendo que educar requer uma ação de,

Criar, realizar, e validar na convivência, um modo particular de conviver. Isto sempre se realiza numa rede de conversações que coordena o fazer e o emocionar dos participantes. Em um país, a tarefa de qualquer atividade educativa é cumprir esse fazer na formação democrática, isto significa entregar a cada cidadão e cidadã elementos para um fazer autônomo, social e ecologicamente responsável (MATURANA, 1999, p. 147).

Assim, o educar deixa de ser entendido como um ato da fala enquanto apresentação de quem domina certas informações pronunciadas como verdades e passa a constituir-se em comunicação de sistemas viventes nas ações comuns.

A Biologia do Amor e a Biologia do Conhecimento serão tomadas como princípios para proposições explicativas sobre os fazeres humanos, a partir da noção de Biologia como processo de acoplamento estrutural, que todo ser vivo realiza com seu meio e com outros seres. “Como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivemos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver.” (MATURANA, 1999, p.30). Ou seja: no cotidiano de nossas relações no presente. No momento em que as ações que denominamos de educativas ou de docência estão acontecendo. Nesta mesma linha de compreensão é que (BARCELOS, 2014, p. 37) propõe que,

Se tomarmos esta proposição como ponto de partida, o educar e a educação jamais podem ser tomados como algo mecânico e determinado na sua origem. A necessidade de pensar-se a “educação do futuro”, como muitos, apressada e demagogicamente apregoam, é uma impossibilidade, pois o que existe em nosso viver é o presente. Passado e futuro, são, na concepção de Educação defendida por Maturana, modos de estar no presente que cada um de nós vive. Ou seja: o único futuro no qual podemos interferir é o que acontece no presente. (BARCELOS, 2014, p. 37).

Seguindo esta forma de compreensão pergunta-se: Qual seria a função da Educação, para o pensador Humberto Maturana?

Para este autor se constituiria na busca em proporcionar para educandos e educandas um espaço relacional na convivência onde educandos e educandas possam viver o presente. Um presente em que as crianças cresçam como seres

humanos em que se pode confiar porque se respeitam a si mesmos e que sejam capazes de verem-se como seres co-criadores junto com os demais participantes de seus relacionamentos. Quaisquer que sejam esses relacionamentos, desde que baseados no respeito, no acolhimento, na responsabilidade e no amar ao outro como um outro legítimo em seu viver.

Esta seria, resumidamente, uma das formas de trazer para o espaço da relação docente o que Humberto Maturana denomina de uma educação na aceitação mútua. Uma aceitação mútua que só pode ser proporcionada a partir da proposição epistemológica da biologia do amor e da biologia do conhecer.

### 3.8.2 Renúncia da Autoridade

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando com os outros de cima para baixo, sobretudo como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a falar com eles. (FREIRE, 1996, p.111)

O abandono ou renúncia da autoridade do(a) fisioterapeuta e do(a) professor(a) de fisioterapia acontece como uma proposição central desta dissertação, que parte, segundo Maturana (2001), de uma ruptura sobre o desejo da dominação e do controle, no caso, sobre o(a) paciente e do(a) acadêmico(a) de fisioterapia. O desejo de controle e dominação do outro se apresenta no cotidiano de fisioterapeutas e professores, naquelas atitudes aparentemente banais de negação do outro, o(a) paciente, de sua história de vida, de sua sabedoria sobre seu próprio corpo e sua trajetória de autocuidados. De modo clássico, quando há o sofrimento e a procura do profissional ou no caso do(a) educando(a) diante do(a) professor(a) tudo passa a estar errado, e só o(a) profissional, da saúde e da educação, sabem o correto. O mais característico são as proibições de o que e como fazer. Exemplo: “está proibida de varrer a casa; ou mexer na horta; você deve sentar assim ou sua postura deve ser assim”; etc. Esta prescrição de cuidados nas Atividades de Vida Diária (AVDs), se funda no entendimento generalizado na área da saúde e muito forte na fisioterapia, é baseado na perspectiva que o(a) paciente não tem condições de viver em autocuidados próprios e precisa que o profissional se responsabilize por ele. Mais uma vez o paciente perde suas características únicas e se vê massificado em padrões de condutas terapêuticas. Para substituir essa atitude de dominação proponho, através

da escuta atenta(FREIRE, 1996) e da valorização do processo reflexivo sobre o viver deste paciente. Que ele vá, aos poucos entendendo, que emoções e que atitudes podem, num processo criativo conjunto possibilitar um viver saudável e de realização.

Outro aspecto em que está fundamentado as noções e prescrições de AVDs, são de que o humano é um animal racional e, portanto, poderia com essa racionalidade evitar dores e posturas agressivas através do controle do corpo e suas posturas nas mais diversas atividades. É certo pensarmos que existem posições e modos corretos de trabalhar, descansar, de praticar atividade física e todos outros aspectos do viver humano. Aprendemos estes aspectos com o conhecimento, entre o certo e o errado. Se trabalharmos curvados algumas horas ou usamos uma ferramenta de modo errado, certamente iremos nos machucar e doer. Com o tempo teremos uma doença crônica degenerativa. Mas controlar a respiração ou a postura, não, isto não é certo porque não é possível. O corpo em si mesmo é sábio e realizará ações de modo correto em sua autonomia biológica. Se estivermos realizando uma tarefa que se perpetua durante algum tempo e a realizarmos com uma tensão excessiva, ou com um bloqueio respiratório, isto se deve certamente, a estar vivendo uma emoção que gera tal fazer. Se vivermos no presente e estamos envolvidos no que fazemos e só no que estamos fazendo, porque queremos fazer e não na expectativa de um possível produto final trabalharemos com alegria e nossa respiração será leve e nossa postura agradavelmente adequada. Se realizarmos essa tarefa por um tempo excessivo ou com uma força excessiva, sentiremos o desconforto e isso deve ser o suficiente para que modulemos essa tensão ou repousemos por certo período, para que nossa biologia se recomponha. As AVDs podem ser vistas como orientações muito gerais e informações para que o paciente as use segundo a sua experiência e segundo o seu desejo no autocuidado, autorrespeito e na sua sabedoria.

Quando me refiro à relação professor aluno, o desejo da dominação surge na negação dos saberes e fazeres do(a) educando(a), na negação da autonomia e identidade cultural, em toda negação ao diálogo e escuta, e em toda discriminação como controle (FREIRE, 1996), Proponho, e isso faz parte do meu atuar fisioterápico e como professor, que demonstrações de confiança e de parceria com acadêmicos(as), possibilitam um estímulo a um atuar baseado no conversar e na descoberta, e de responsabilidade perante o seu desenvolvimento como estudantes

de fisioterapia e seu conhecimento. Desenvolvemos assim uma atitude ativa do aluno(a) em relação a sua vida, o que Maturana (2004) chama de autorrespeito.

Afirmo, com base em Humberto Maturana e em minhas próprias experiências vividas, é uma atitude positiva a renúncia a autoridade do(a) professor diante do(a) acadêmico(a) de fisioterapia. Uma postura que, hoje, vai absolutamente de encontro ao que é proposto de modo geral na educação. “O professor deve ter autoridade diante de seus alunos”, “deve haver o controle da classe”. Vemos com facilidade o que tem acontecido com esse tipo de atitude. Exemplo: recentemente os alunos de uma escola, revoltados com atitudes “disciplinadoras” de uma diretora nova, quebraram vidros de portas e janelas, além de classes. Aos gritos, diziam sua palavra de ordem: “fora diretora nova”! Naturalmente uma radicalização equivocada da parte dos(as) alunos(as), mas que demonstra que atitudes violentas e desrespeitosas geram reações ainda mais violentas e desrespeitosas.

Assim uma atitude (emoção) baseada na aceitação do aluno como um legítimo, com seus saberes e fazeres, autônomos em sua espontaneidade e responsabilidade gera uma possibilidade mais ativa na escola com seus colegas, professores e ambiente escolar.

Se nossas atitudes voltam-se ao estímulo a recuperação da autonomia biológica dos pacientes, num ambiente de responsabilidade e liberdade, torna-se necessário o uso de nossas técnicas e métodos, para uma avaliação e prescrição de um tratamento, que serão executados num clima de parceria e busca de consensos com o paciente, com respeito a sua visão de mundo e de corpo, ao seu ritmo biológico, seu tempo pessoal e aos seus objetivos.

A autoridade do profissional da saúde, simbolizado em seu momento máximo na autoridade do médico, está relacionado à medicina científica e mais profundamente no advento do patriarcado.

Na medida em que o patriarcado se afirma historicamente, movido por emoções que até então, em um viver matrístico, baseado na confiança e na cooperação com outros da sua comunidade não existiam, e se afirma pelo medo da perda (do seu rebanho) e na desconfiança do outro. Sobre vem um viver fundado no controle do outro, que deixa de ser o outro legítimo. Gradativamente esses valores patriarcais tornam-se valores morais e passaram a operar na ciência, no caso, na educação e na saúde.

Como vimos anteriormente, quando tratamos do percurso histórico da fisioterapia, o surgimento dessa profissão, como um campo ou disciplina específica do conhecimento, faz parte, também, da trajetória histórica da medicina. E mais recentemente da medicina biomédica ou científica, recebendo grande influência desta em sua formação e atuação.

### 3.8.3A Autoridade Médica

O Ato Médico foi uma estratégia forjada para enfrentar a atual crise hegemônica da ação médica, desde o surgimento da Saúde Coletiva transdisciplinar, do surgimento e desenvolvimento das novas profissões da saúde e o incentivo as práticas populares de autocuidados em saúde (MELO; BRANDT, 2005).

Na filosofia grega, principalmente em Aristóteles e Platão, a *autoridade* se sustenta na noção de perícia cujo conteúdo é extraído tanto do mundo da família como do mundo da “fabricação” e das artes. Exemplo: pastor, médico, timoneiro e professor. Então para os gregos a *autoridade* implica em obediência e retenção da obediência. Na tradição romana, noções como, tradição e religião tem raízes na palavra “*autoritas*”, que etimologicamente vem de “*augere*” significando aumentar e desenvolver-se (MELO; BRANDT, 2005).

São bem conhecidos os estudos de Michel Foucault sobre a autoridade, o poder fiscalizador e vigilância médica. Atualmente, pelo menos em nossa realidade, o médico é quase que, na totalidade das vezes, o único profissional da área da saúde autorizado a definir e indicar procedimentos preventivos e terapêuticos. Socialmente a medicina atua perpetuando e desenvolvendo-se como única profissão que tem a responsabilidade pela vida do paciente. Como a medicina é quase que totalmente baseada, em seu atuar, no desenvolvimento da indústria farmacêutica, tecnológica e laboratorial, (excetuando a odontologia e farmácia que se afirma historicamente por sua própria via, mas que também dependem desse viés industrial-tecnológico) contam com toda uma atenção da saúde pública e notoriedade diante da imprensa e população gerando uma intensa hegemonia social. Enquanto que outras importantes profissões como nutrição, fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional, enfermagem entre outras, tem grande dificuldade de se afirmar, dificultando em muito o conhecimento, por parte da população, do grande desenvolvimento tecnológico (onde é muito menor o uso industrial-tecnológico) destas outras profissões que tanto

tem a contribuir com a saúde da população e para a saúde pública. Assim, as verdades, necessariamente parciais da medicina, passam a ser verdades absolutas para a imensa maioria da população.

Atuando socialmente dessa maneira, são bem conhecidas da fisioterapia, as tentativas da medicina de dominar esse campo específico do conhecimento. Criaram a especialização de fisioterapia, tentaram algumas vezes criar o técnico em fisioterapia (para não precisar legalmente do fisioterapeuta em suas clínicas de reabilitação), serem os únicos a poderem administrar a acupuntura, etc. Mais recentemente, ganhou grandes dimensões a polêmica sobre Ato Médico. Se este fosse aprovado conforme o proposto, a responsabilidade da indicação de procedimentos preventivos e terapêuticos ficaria totalmente nas mãos deste profissional. O Ato Médico foi uma estratégia forjada para enfrentar a atual crise hegemônica da ação médica, desde o surgimento da Saúde Coletiva transdisciplinar, do surgimento e desenvolvimento das novas profissões da saúde e o incentivo as práticas populares de autocuidados em saúde (MELO; BRANDT, 2005).

#### 3.8.4 Como acontece a Renúncia da Autoridade?

Para começar a explicar como e porque acontece a Renúncia a Autoridade do fisioterapeuta, passarei a descrever algumas cenas do dia a dia deste profissional. Nada irrita mais o fisioterapeuta do que ouvir histórias sobre os autocuidados dos pacientes, de como utiliza salmouras, emplastros, gorduras animais ou infusões e chás. De como usa o calor ou o frio (às vezes ao mesmo tempo, nos esportes) ou alongamentos ou posturas que num primeiro momento (pela cartilha “científica” do fisioterapeuta) parecem inadequados. Muitas vezes, mais tarde, surgem novas informações terapêuticas e mesmo evidências científicas que vão endossar e desenvolver o natural conhecimento popular. E mesmo aquelas que a ciência vem comprovar ser equivocada ou não surtirem o efeito esperado, trazem em si, a riqueza do fazer do paciente e de como o seu corpo reage, dando informações importantes para o conhecimento deste humano que nos pede ajuda.

Dessa forma, se demonstrarmos irritação ou desqualificamos as informações do paciente, fragilizamos o vínculo de confiança que podemos ir construindo com o paciente. Somente com o estabelecimento da confiança entre o fisioterapeuta e o paciente, que recebe seus cuidados, podemos recolher de modo mais espontâneo e

verdadeiro as informações tão necessárias para realizar um bom diagnóstico fisioterápico. A confiança é também, fundamental para o paciente se soltar, ir aos poucos se liberando de couraças protetoras e assim receber em toda sua potencialidade o tratamento.

Se a relação entre o fisioterapeuta e o paciente é fundada na relação hierárquica, onde o(a) fisioterapeuta tem todo o conhecimento e autoridade científica (além da ideia de que tem um corpo absolutamente sadio além de um “controle corporal”) e o(a) paciente nada sabe e tem um corpo totalmente doentio, não acontece a aceitação do outro como um outro legítimo. Não haverá possibilidade de se estabelecer a confiança e a consensualidade, na relação com o outro legítimo, em seu sentir, no toque terapêutico, no desenvolvimento e recuperação de sua autonomia biológica em seus movimentos, em sua postura, em sua funcionalidade.

Considero que, para compreender a importância de renunciarmos a autoridade diante do(a) paciente e do(a) acadêmico(a) de fisioterapia, é necessária uma breve introdução de como se deu a história da hominização, pois os valores que proponho para a formação de professores de fisioterapia surgiram na humanidade neste período. Também vou descrever, sucintamente, como as emoções estavam presentes, neste período, e tornaram-se parte constitutiva do agir humano, a linguagem (como linguajar) e o fundamento da consensualidade como atitude de aceitação do outro, como um legítimo outro nesse processo evolutivo humano.

Também gostaria de, mesmo que brevemente, colocar algumas questões que fundamentassem a hominização na constituição da sociedade matrística e o advento da sociedade patriarcal, bem como a influência dos valores do último na educação atual.

### 3.8.5 O Surgimento da Sociedade Matrística

Para Humberto Maturana a emoção é o fundamento de nossa racionalidade, e ao contrário do que possa parecer, isto não é uma limitação (MATURANA, 1998). Segundo o autor a fundamentação desta afirmação, está principalmente na origem do humano e da linguagem. Tem-se dito, que a história da transformação do cérebro humano está ligada a fabricação de instrumentos pela mão humana. Esta afirmação foi repetida inúmeras vezes, durante muito tempo, inclusive por mim. É verdade que a fabricação de instrumentos para a obtenção de alimentos, na defesa contra animais

ou outros grupos invasores está presente na natureza. E é fácil de percebermos, que o uso inteligente de instrumentos está presente não só entre os humanos, mas não seria este o mecanismo que desencadeou o desenvolvimento e aumento do cérebro humano, pois a mão já estaria desenvolvida neste período. Para Humberto Maturana (1998:19), a destreza e a sensibilidade manual humana, esta relacionada à “arte de descascar as pequenas sementes de gramíneas da savana, e a participação da mão na carícia, por sua capacidade de moldar-se a qualquer superfície do corpo humano de maneira suave e sensual”.

Vejam os em que momento da história este fenômeno, o desenvolvimento do sistema nervoso, passou-se. E em que estágio estava este hominídeo. Para olharmos para a origem do humano precisamos começar fazendo referência ao que ocorria há 3,5 milhões de anos. Através de fósseis encontrados relativos a esse período, sabemos tratar-se de primatas bípedes, que possuíam andar ereto e contavam com cinturas escapulares na forma de ombros. Esses primatas viviam em grupos pequenos, com famílias constituídas de dez a doze membros que incluíam bebês, crianças e adultos. Os estudos arqueológicos de sua arcada dentária mostram tratar-se de indivíduos com hábitos colheitadores. Sua alimentação constituía-se principalmente de grãos, bolotas e nozes e, presumivelmente, caçadores ocasionais. A uma indicação muito intensa de que havia uma divisão e compartilhamento desses alimentos, o que sugere um caráter cooperativo de seu viver. Acredita-se que havia a participação igualitária do macho nos cuidados com as crias num clima de recorrência da sensualidade e no encontro sexual frontal e individual, já que a fêmea havia abandonado o estado de cio sazonal por ciclos de fertilidade curtos com a existência do evento menstrual, o que mantinha a mulher disposta, por sua vontade, a manter sua sexualidade ativa mais tempo.

### 3.8.6 Dinâmica Cultural Matrística

Em todos os casos em que as mães e alguns pais constituem vínculos corporais de aceitação do bebê como um legítimo outro na relação entre os dois, no brincar desinteressado e sempre em tempo presente onde não exista outra finalidade que não o brincar e o estar com o outro e na medida em que a mãe vive um linguajar (mesmo que o bebê não conheça o linguajar, a mãe já está e vive nele), eles estarão em um emocional que possibilitará a criança crescer no auto-respeito e assim, no respeito pelo outro. Podendo assim, a criança, se desenvolver fisiologicamente e psicologicamente de modo saudável



Maturana tem afirmado que uma cultura começa a se conformar quando certos modos de viver e conviver se perpetuam durante certo tempo. “Visto que os humanos vivemos e convivemos na linguagem e no conversar” (SCHLICHTING; BARCELOS, 2012) como *cultura* passamos a entender um certo modo de *conversar*, que torna se recursivo e consensual passando como um valor operacional de geração para geração, configurando se como rede de conversações.

O modo de vida do povo matrístico<sup>5</sup> se estabeleceu na medida em que sua maneira de viver perpetuou-se de maneira transgeracional, ou seja, seu fazer gerou através de uma linguagem que ora surgia, um fazer cooperativo e consensual, onde a recursividade de ações consensuais desenvolveu um *linguagear*. Esse termo é um neologismo cunhado por Humberto Maturana para explicar que a linguagem aqui, não é tomada como uma forma simbólica de comunicação, mas é o resultado histórico de um *conviver* em que o *conversar* (palavra latina que significa “dar voltas”) mostra a relação deste tipo de conversação com as emoções recorrentes em que nos movemos (SCHLICHTINGS; BARCELOS, 2012 e MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004).

Humberto Maturana, em muitos momentos e já citei essa natureza das emoções, distinguiu e especificou emoção como “os diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas e animais, e as distintas disposições corporais que os constituem ou realizam” (MATURANA, 1998, p. 22). Quando mudamos de emoção mudamos de domínio de ação. Maturana chegou a essa compreensão através do estudo e elaboração de uma teoria que o conferiu notoriedade internacional, chamada Autopoiese (MATURANA; VARELA, 2001). Segundo essa teoria, e de um modo muito simples para que entendamos como isso se relaciona as emoções, os seres vivos têm como características produzirem de modo contínuo a si mesmos, de forma que todo organismo vivo, pelo seu próprio funcionamento, produz ações que irão caracterizar-se por ações de manutenção do seu viver. A isto costumamos chamar de metabolismo celular. Esta dinâmica de produzir se a si mesma como unidade autopoieticas, caracteriza os seres vivos como unidades **autônomas** (MATURANA e

---

<sup>5</sup>A expressão matrística é usada nesse texto para expressar um termo específico cunhado por Humberto Maturana para designar uma cultura onde homens e mulheres podem participar de um modo de vida baseado na cooperação não hierárquica, numa relação de participação e confiança e não em relações baseadas no controle e autoridade. Matrístico está em oposição aos termos matriarcado-patriarcado, embora resgate a figura feminina como representação não-hierárquica do mundo natural (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004).

VARELA, 2001). Nós, os humanos como os outros animais, somos autônomos em nossas emoções, de acordo com o meio que vivemos e com o fazer ou emocionar que estamos envolvidos socialmente. Volto a esse conceito nesse momento, pois agora podemos imaginar, com certa facilidade, como seria o dia a dia desse povo, que se realizava em um fazer solidário e cooperativo.

Estes povos que neste momento histórico agora viviam na Europa entre sete e cinco mil anos antes de Cristo se desenvolveram como agricultores e coletores. Segundo Maturana (2004) não usavam armas como adornos e não fortificavam seus povoados. Os campos de cultivo não eram divididos, nada mostra a existência de propriedade privada, pelas evidências arqueológicas encontradas. Na ausência da dinâmica emocional da apropriação, esses povos não podem ter vivido na competição, pois as posses não eram elementos centrais de sua existência.

O fazer matrístico era orientado por um estado de harmonia com a natureza, orientados para uma contemplação centrada no sagrado da vida. Onde hoje vemos uma natureza que precisa ser controlada pela ciência contemporânea, via-se, no período fundamental matrístico, a contemplação aos maravilhosos ciclos de nascimento e morte. Viviam orientados pelas fases da lua, fascinavam-se pelas metamorfoses dos insetos e as incríveis características únicas de plantas e animais. Esse viver, onde suas energias não eram dirigidas para a guerra, a construção de fortalezas e para a competição, voltava-se para um fazer sensual, em tarefas diárias que envolviam a agricultura, a confecção de roupas, a construção de habitações e fundamentalmente na alimentação e cuidados com os outros, num fluir de viver sem pressa e com muito tempo para contemplar a vida. Possivelmente esse viver que valorizava a sabedoria do fazer e refazer em cooperação e aceitação dos ciclos naturais tenha desenvolvido uma mística e sacralização. Conforme os achados arqueológicos, podemos, com certa facilidade, acreditar que esse povo realizava cerimoniais de culto ao sagrado da vida. Os achados relativos a este período, de mostram a existência de pequenos altares em suas casas com figuras ornamentais de uma deusa, que encarnaria o divino harmonioso da natureza que os inspirava a refletir sobre o seu fazer cotidiano e a plenitude da natureza. Deusa esta, que manifestava-se na figura ornamental de combinação entre masculino e feminino ou feminino e animal.

Uma vez que sob a evocação da deusa-mãe os seres humanos eram, como todas as criaturas, expressões de sua presença – e por tanto iguais, nenhum melhor do que o outro apesar de suas diferenças -, não podem ter vivido em ações que excluíssem sistematicamente algumas pessoas do bem estar vindo da harmonia do mundo natural. (MATURANA, 2004, p. 40)

É importante salientar que esses rituais relativos à fertilização da terra estão ou estavam presentes em muitas culturas originais indígenas por todo planeta, sendo muito semelhantes entre eles. Da mesma forma, é também presente em nossos dias, valores que perpetuaram as mesmas atitudes manifestas no languagear entre mães e filhos, característicos do período matrístico, que continuam fazendo parte no domínio das estreitas coordenações comportamentais, por tanto linguísticas, entre as mães e filhos nos nossos dias (MATURANA, 2001). Em todos os casos em que as mães e alguns pais constituem vínculos corporais de aceitação do bebê como um legítimo outro na relação entre os dois, no brincar desinteressado e sempre em tempo presente onde não exista outra finalidade que não o brincar e o estar com o outro e na medida em que a mãe vive um languagear (mesmo que o bebê não conheça o languagear, a mãe já está e vive nele), eles estarão em um emocional que possibilitará a criança crescer no auto- respeito e assim, no respeito pelo outro. Podendo assim, a criança, se desenvolver fisiologicamente e psicologicamente de modo saudável.

E nós, humanos, nos tornamos seres sociais desde nossa primeira infância, na intimidade da coexistência social com nossas mães. Assim, a criança que não vive sua primeira infância, numa relação de total confiança e aceitação, num encontro corporal íntimo com sua mãe, não se desenvolve adequadamente como um ser social bem integrado (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.142).

Na medida que vão surgido os invasores indo-europeus que possuíam em sua cultura, hábitos pastoris, e dessa forma praticavam, diferentemente do povo matrístico europeu, a apropriação, a guerra, a dominação e o controle. Em ações violentas, os invasores que praticavam o patriarcado, destruíram rapidamente a cultura matrística e se apossaram das mulheres. Aqui chego ao ponto em que demonstro, fundamentado na obra de Humberto Maturana, que ainda existem em nosso viver alguns traços do viver matrístico. Dentre elas estão nossos hábitos alimentares, nossas atitudes de ajuda com alguns despossuídos, mas que a cultura matrística se prolonga, atravessando o patriarcado e mantendo-se no *conversa* entre as mulheres, nas conversas desinteressadas e sem uma finalidade específica que não o

compartilhar de suas emoções e sentimentos e também nos adornos de contemplação estética.

### 3.8.7 Surgimento da Sociedade Patriarcal

Ao surgir o pastoreio, como modo de vida, surge à apropriação, a desconfiança no mundo natural, o controle, a inimizade e a guerra, e os instrumentos de caça se tornam em armas. O pastoreio era pacífico quando da ausência da guerra ativa, sua constituição, sua origem, no entanto, não é pacífica (MATURANA, 1997, p.56).

A relevância em compreendermos como se deu a origem do patriarcado em oposição à cultura matrística, assim como os seus valores e as atitudes preponderantes nessa cultura, está diretamente relacionada à crítica ao uso da autoridade como instrumento legítimo (na verdade não o é), tanto na fisioterapia e área da saúde, formação de professores de fisioterapia como na educação em geral.

Historicamente é possível determinar como surgiu o que hoje chamamos de cultura patriarcal. Deu-se há cerca de sete ou seis mil anos. A arqueologia nos mostra que o patriarcado, tal como o conhecemos hoje, não surgiu na Europa. Neste continente, a cultura pré-patriarcal foi brutalmente destruída por povos pastores patriarcais, que hoje chamamos de indo europeus, vindos do leste (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004).

O patriarcado foi trazido a Europa por povos invasores, que já haviam tornado-se patriarcais no curso de sua própria história, estabelecendo em seu viver características culturais como a guerra, a luta, a dominação, a apropriação, a hierarquia, a dominação e o controle. Maturana (2004) esclarece que tais mudanças culturais ocorreram de modo independente das culturas matrísticas europeias. É possível afirmar que na origem de uma nova cultura o novo emocional surge como variação ocasional e trivial do emocional próprio da cultura antiga. Assim, as novas condutas, de maneira transgeracional, vão tornando-se, através da conservação do novo na conservação do velho, uma nova forma de viver em comunidade, numa mudança que é exercitada de maneira simples e recursiva.

...uma linhagem, seja biológica ou cultural, se estabelece por meio da conservação transgeracional numa maneira de viver, à medida que esta é praticada de fato pelos jovens da comunidade. Assim, qualquer variação ocasional da forma da vida corrente de uma comunidade específica, que começa a ser conservada geração após geração, constitui uma mudança que

dá origem a uma nova linhagem. (MATURANA; VERDEN –ZOLLER, 2004, p.51).

Na Europa, há mais de vinte mil anos, viviam humanos no modo matrístico de viver. Trata-se do período paleolítico. Parte desta população desenvolveu-se como sedentários, com hábitos de coleta e agricultura rudimentar. Outros passaram a seguir as migrações anuais de manadas de animais silvestres, como as renas, por exemplo, dirigindo-se para o leste até a Ásia. As comunidades humanas que seguiam os animais não eram pastoras, pois não eram proprietários destes animais. A prova disto é que aqueles humanos que seguiam os rebanhos aceitavam dividir estes com os lobos, que viviam como comensais.

Neste momento histórico cultural, MATURANA (2004) sugere que houve a mudança na atitude daqueles que seguiam as manadas. O emocionar destes povos que vinha sendo o de conviver em harmonia mística com a natureza, na aceitação dos ciclos de vida e morte, rompeu com essa conduta de absoluto equilíbrio com o meio que habitavam, aceitando da natureza aquilo que lhe era oferecido e permitindo que outros animais assim o fizessem. Esta ruptura baseou-se em uma atitude,

...à operação inconsciente que constitui a apropriação, isto é, o estabelecimento de um limite operacional que negou aos lobos o acesso a seu alimento natural, que eram os animais da mesma manada da qual vivia a família que começou tal exclusão. A implementação do limite operacional cedo ou tarde levou à morte dos lobos (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p.54).

A morte de animais para a alimentação, não era novidade para esses povos que passaram a migrar seguindo as manadas. Tratava-se de um ato sagrado, próprio das coerências do viver no qual uma vida é tirada para que outra se perpetue. No entanto, quando surge, esta operação inconsciente de restringir a um animal acesso a sua alimentação e ainda destruí-lo, no sentido de eliminá-lo da vida, passa aí, o humano, a agir sistematicamente na destruição e no combate a outro ser vivo, envolvendo toda a comunidade nesse viver em emoções que surgem em uma ordem artificial.

Dessa maneira caracteriza-se um fato histórico, que é perpetuado em um modo de vida, o momento que surge um inimigo, na origem do pastoreio. Esse viver que vai se configurando na recursividade de proteger a manada de outros animais que atuavam como comensais, começam a estabelecer a manada como rebanho, que

agora é cercado e o comensal como o inimigo que tem que ser morto e se possível extinto, e essa defesa perpetuada transgeracionalmente naquela família que antes seguia as manadas faz surgir à propriedade privada e o pastor, como protetor desta propriedade para esta família. Surge a partir da adoção deste hábito numa família, um novo emocional, além da atitude de apropriação, outras emoções passam a acontecer nesse novo modo de viver, como:

- \* A inimizade e a valorização da procriação;
- \* A associação desta com a sexualidade das mulheres;
- \* A perpetuação do controle da procriação das mulheres pelo patriarcado;
- \* O controle da sexualidade do homem pela mulher como propriedade;

A valorização das hierarquias e a obediência como características da rede de conversações que constitui o modo pastoral de vida.

Conforme Maturana (2004), devido ao modo humano de generalizar o entendimento, a rede de conversações que constitui a vida pastoril patriarcal se tornou, com o tempo em um viver em recursividades, uma maneira de viver independente do pastoreio, sob a forma de uma rede de conversações que suscitam as relações de apropriação e exclusão, inimizade e guerra, hierarquia e subordinação, poder e obediência. Assim, as relações com o mundo natural e com a natureza que suscitavam um viver místico em harmonia espontânea e confiança ativa se deslocaram para um viver em desconfiança e para desejos de dominação e controle.

### 3.8.8 Matrístico X Patriarcal

Em sua obra, que estou estudando e pesquisando para a elaboração desta Dissertação de Mestrado, Humberto Maturana apresenta muitas passagens em que busca identificar a vida em uma cultura matrística que antecedeu a cultura patriarcal europeia que, constela hoje, em nossas condutas sociais. Recorre, para embasar sua teoria, a achados arqueológicos em regiões como as margens do Rio Danúbio, nos Bálcãs e no Egeu. Mesmo partindo destes achados arqueológicos, reconhece que não podemos ter acesso direto a essas culturas, no entanto, propõe que ao observar a vida cotidiana de alguns povos que ainda vivem segundo uma cultura matrística, bem como pelas redes de conversações não-patriarcais presentes nas malhas das redes de conversação patriarcais que constituem nossa cultura patriarcal de hoje, é possível reconhecer que um outro modo de viver que não o patriarcal existiu. Isto deve ter se

dado até cerca de sete mil anos antes de Cristo. Eram comunidades que viviam da coleta e uma rudimentar agricultura para seu sustento.

Conforme já afirmei anteriormente (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004) não existiam fortificações para defender as famílias, não se encontram diferenças hierárquicas entre homens e mulheres, e principalmente, armas não eram usadas para adornar as sepulturas, o que conota a inexistência sistemática de conflitos e guerras. Muito provavelmente, pela disposição cultural em que viviam, as crianças cresceram com a espontaneidade de quem vive em harmonia e em total sintonia com o mundo da natureza, fazendo desse processo recursivo evolutivo, a conservação desta conduta em outras condutas consensuais, mantendo em seu viver a cultura matrística. As conversações que se estabeleciam nesta cultura matrística eram de participação, de cooperação, de respeito, de aceitação e, portanto, de ausência de negação do outro em seu fluir de viver.

Para Humberto Maturana, o entendimento das relações que estabelecemos na sociedade ocidental moderna está profundamente afetada por esta alteração no modelo de sociedade. Desse modo, quando refletimos sobre os processos educativos, em andamento em nossa sociedade atual de orientação patriarcal, percebemos que eles, predominantemente, se sustentam no modelo de competição, de dominação e de controle o que fundamenta a noção de autoridade, desconfiança e hierarquia.

Estes modelos educativos de origem patriarcal e orientados na perspectiva de que somos seres racionais nos faz negar algo, básico, segundo Humberto Maturana: o fato de que a emoção que funda o social é o amor. E o amar, para este pensador, está expresso na atitude de aceitação do outro em sua própria legitimidade. E só pode ser esse amar que funda o social.

A educação é algo que acontece em uma relação social, logo, o amor é a emoção necessária para que a educação aconteça. Ou seja: *amar* é a emoção fundamental para que o *educar-se* aconteça.

### 3.8.9 Porque Matrístico e não Matriarcal?

Nesta seção retomo a explicação sobre o termo “matrístico” que fiz inicialmente como nota de rodapé na página quarenta e cinco, agora de modo mais detalhado e em contraposição ao termo “matriarcal”. Optei pelo termo *matrístico* em detrimento de *matriarcal* seguindo o que propõe Humberto Maturana, para quem faz toda a diferença

esta conotação. Na abertura do capítulo intitulado *Conversações matrísticas e patriarcais*, do livro *Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do Humano*, escrito conjuntamente com Gerda Werden-Zöller (2004), Humberto Maturana refere que o termo matrístico tem o sentido e o propósito de reafirmar uma situação cultural particular na qual, a mulher tem uma presença marcada pelo místico, que repercute numa ação acolhedora e de coerência sistêmica que rompe com a hierarquia e com a dominação. Isto implica, entre outras questões, em uma relação que se sustenta no acolhimento, na aceitação mútua e na liberdade, que subsiste fora do modelo hierárquico patriarcal, na relação com outras mulheres e principalmente, na criação dos filhos e filhas.

É neste sentido que a palavra matrística é o oposto ao patriarcal. Patriarcal teria o mesmo sentido de patriarcal, na medida em que significa que as mulheres teriam o papel dominante. Segundo Maturana busca mostrar neste, e em outros textos,

A expressão matrística é aqui usada intencionalmente, para designar uma cultura na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado em uma cooperação não-hierárquica. Tal ocorre precisamente porque a figura feminina representa a consciência não-hierárquica do mundo natural ao qual nós, seres humanos, pertencemos, numa relação de participação e confiança, e não de controle e autoridade, e na qual a vida cotidiana é vivida numa coerência não-hierárquica com todos os seres vivos (MATURANA, 2004,p.25).

Segundo o próprio Humberto Maturana sua influência por uma cultura de orientação matrística precede seus estudos e pesquisas científicas e acadêmicas. Recorda que o fato de ter sido criado pela mãe, e na ausência cotidiana do pai, fez com que desde cedo tivesse um contato muito forte com a cultura matrística. Chega a escrever, certa feita que “Tuvela fortuna de crescer sin padre” (1997, p. 133). Isto foi ajudado, segundo ele, pelo fato de ninguém nunca ter-lhe dito que não tinha um pai ou que crescer sem a presença física de um pai era, necessariamente, uma desgraça. Ao contrário, conta que foi privilegiado por uma comunidade que, mesmo sabendo de sua situação familiar, nunca lhe apresentou isto como algo negativo ou como uma falta, ao mesmo tempo em que sempre o acolheu. Assim ele se refere a esta condição de criança que é cuidada apenas pela mãe durante sua infância: “Quiero agregar aqui, que pienso que el padre si esta presente és valioso e importante para el niño, pero



cuando no está no tieneninguna importância, a menos que se le diga al niño que le falta el papá” (1997, p. 134).

As proposições de Maturana, para refletir sobre a relação matrístico e matriarcal, se baseiam na condição humana - e de todo animal - de que a vida é um processo que decorre do fluxo emocional do viver em relação ao mundo que vive. Para Maturana, são nossas emoções e não a razão que orientam, no cotidiano, o que optamos por fazer ou por deixar de fazer. Ao contrário do que comumente escutamos nas conversas, e mesmo nos debates acadêmicos e científicos, o que determina nossas condutas relacionais não é a razão e, sim, são as emoções. Justifica isto ao afirmar que cada momento em que procuramos demonstrar as origens de nossas condutas recorremos à razão e negamos as origens emocionais. Para Maturana (2004, p. 29) “Cada vez que afirmamos que nossa conduta é racional, os argumentos que esgrimimos nessa afirmação ocultam os fundamentos emocionais em que ela se apoia, assim como aqueles a partir dos quais surge nosso suposto comportamento racional”.

Outra importante distinção a ser feita é quanto ao que se refere a masculino e feminino. Em sua obra, Maturana mostra que esta identificação entre matrístico com feminino e patriarcal com masculino não é adequada. Para ele, esta associação acaba nos cegando, pois não estamos fora do reino animal, e isso é somente nossa constituição biológica. O que ocorre, segundo Maturana, é que com o encontro entre a cultura pastoril-patriarcal vinda da Ásia, e a cultura matrística da Europa, surgem contradições fundamentais como, por exemplo, uma que opõe uma infância matrística mantida pelas mulheres matrísticase por alguns pais que adotam a atitude maternalmatrística na criação de seus filhos, e uma outra cultura adulta de conotação patriarcal sustentada pelos homens em suas conversas e práticas de guerra, além das mulheres que adotam atitudes patriarcais de competição, de apropriação e de dominação.

Paradoxalmente, vivemos em um ambiente cultural que fala o tempo todo de amor, contudo, as nossas ações fazem a negação deste amor. Tal modo de viver decorre, segundo Maturana, da estrutura patriarcal europeia da qual somos herdeiros. Uma cultura europeia que tem sua origem do encontro entre a cultura patriarcal indoeuropeia, que invade a Europa cerca de 5.000 anos antes de Cristo, com as culturas de orientação matrística que na Europa de então existiam.

Como resultante deste encontro, a cultura matrística é destruída e subjugada pela cultura invasora patriarcal. Da cultura matrística existente o que se mantém é apenas a relação entre as mães e os filhos. Seria o que restou da cultura matrística. Ou seja: temos na infância o cuidado matrístico e na fase adulta a dominação da cultura patriarcal.

A forma como orientamos a educação das crianças decorre desta dualidade, o amor matrístico na infância com o choque da cultura patriarcal na juventude. Humberto Maturana resume assim esta maneira de organizar o fluir do viver de nossas crianças:

Na infância os guiamos na colaboração, no respeito mútuo, na aceitação do outro, no respeito por si mesmo, no compartilhar e na legitimidade da sensualidade. Na passagem para a vida adulta os guiamos para a apropriação, para a luta, para a negação do outro, a competição, a dominação e a negação da sensualidade valorizando sobre tudo a razão. Ou seja: guiamos nossos filhos na infância na biologia do amor e na juventude os guiamos na biologia da agressão” (MATURANA, 1997, p.54).

Se o amor é o domínio de emoções no qual ocorre a constituição do outro como um outro legítimo na convivência, a agressão é o domínio de ações que negam o outro na convivência. Como somos seres da cultura patriarcal europeia vivemos essa permanente e recorrente contradição: aprendemos a amar e acolher na infância e aprendemos a agredir e negar na fase de jovens e de adultos. Uma consequência imediata disto é que passamos a ver o amor como algo, exclusivamente, do campo da literatura, da virtude, do romantismo, enfim, alguma coisa da dimensão do inalcançável: uma esperança.

Como sair deste círculo? Como “escapar” desta prisão?

Para Humberto Maturana, a maneira, a única maneira possível, é recuperando a cultura matrística da infância e, para tanto, temos que ousar, temos que nos “atrever a ser nós mesmos”. De maneira que ousemos:

- \* deixar de aparentar ser o que não somos;
- \* sermos responsáveis por nosso viver;
- \* deixarmos de pedir ao outro que seja ele o responsável por nossa existência.

E, segundo o professor Dr. Valdo Barcelos, em seu seminário “Humberto Maturana e Educação” que frequentei no primeiro semestre de 2015, na UFSM, (o que chamo de “Aforismos de Barcelos”, segundo a metodologia de Maturana):

- \* Não somos o que pensamos;

- \* Não somos o que falamos;
- \* Não somos o que dizemos que somos;
- \* Não somos o que dizemos que fazemos;
- \* Não somos o que os outros dizem que somos;
- \* Somos aquilo que FAZEMOS em nosso viver cotidiano.

(BARCELOS, 2015)

Nas palavras de Humberto Maturana: somos o resultado daquilo que fazemos enquanto acontece o *fluir do nosso viver cotidiano*.

Para Humberto Maturana, o mais importante e surpreendente, é que fazer isto não é assim tão difícil como normalmente se pensa. Para ele, basta que demos o primeiro passo. Este primeiro passo é recuperar nossa dignidade. E como podemos recuperar nossa dignidade? Aceitando a legitimidade do outro, qualquer que seja este outro. Ao ser perguntado como fazer isto Maturana dá o seguinte exemplo:

Se você vai por um caminho e cruza com uma serpente venenosa diz: Ah, uma serpente venenosa devo deixá-la passar. Se vai por um campo e vê uma mariposa diz: Há, que bela mariposa, que lindo como ela vai de flor em flor! Se vai pela cidade e vê um ladrão, e coloca para você a responsabilidade de impedir sua ação, impede-a..é assim bem fácil” (MATURANA, 1997, p.54).

Curiosamente, temos muita dificuldade em transformar nossas argumentações e explicações dos fatos em ações no nosso cotidiano vivido. Não basta nos darmos conta de que não queremos continuar fazendo o que estamos fazendo ou de que é preciso mudar o jeito de fazer o que estamos fazendo. Esta constatação é, sim, importante, porém, não é suficiente. Além disto, se faz uma condição necessária: querermos, livremente, que isto aconteça.

Neste sentido é que, para Humberto Maturana, a condição necessária para a responsabilidade sobre nossas ações está, intrinsecamente, vinculada a liberdade. Estamos habituados, em nosso modo de pensar e viver, conforme a cultura ocidental/patriarcal, acreditarmos que nossas decisões com mais ou menos liberdade são fundamentadas em nossa razão. No entanto, somente podemos exercer esta liberdade quando optamos por uma atitude em detrimento de outra. Exemplo: quando faço uma opção por uma emoção de parceria com meu paciente, em cooperação com este e não uma atitude autoritária, baseada na hierarquia.

### 3.8.10 Cultura Patriarcal e linguagem

#### 3.8.10.1 Cultura Patriarcal

Se uma cultura é uma rede fechada de conversações, ela surge logo que uma comunidade começa a conservar uma rede especial de conversações como uma maneira de viver dessa comunidade...desaparece quando tal rede de conversações deixa de ser preservada (MATURANA,2004, p.34).

Ao observarmos nossa conduta e mesmo nosso conversar cotidiano, perceberemos que o linguajar utilizado é marcado por expressões de luta, de força, de guerra, de competição, enfim, parece que precisamos conotar uma forma de viver onde estamos sempre preparados para atacar ou defender. Nas palavras de Humberto Maturana:

Em nossa cultura patriarcal falamos de lutar contra a pobreza e o abuso, quando queremos corrigir o que chamamos de injustiças sociais; ou de combater a contaminação, quando falamos de limpar o meio ambiente; ou de enfrentar a agressão da natureza, quando nos encontramos diante de um fenômeno natural que constitui para nós um desastre; enfim, vivemos como se todos os nossos atos requeressem o uso da força, e como se cada ocasião para agir fosse um desafio. (MATURANA; VERDÉN-ZÖLLER, 2004, p.37).

Esta orientação de cultura patriarcal, a que se refere Humberto Maturana, pode se estender a todas as nossas relações. Em especial pelo fato de que estabelecemos relações pautadas em exigências e em expectativas. São exigências que nos levam a negação do outro e mesmo de *autonegação*. A aceitação de viver sob as exigências de outro nos leva, inevitavelmente, ao stress, a doenças decorrentes da negação de nosso ser. Um exemplo de relação onde isto ocorre com muita frequência acontece nos locais de trabalho onde as pessoas são exigidas em muitas funções, são levadas a fazer, executar, desempenhar, várias tarefas e, muitas delas, de natureza contraditória.

Algumas destas tarefas são até mesmo insustentáveis em relação a nosso devir como ser no mundo, como aquelas vividas com emoções destrutivas. Tal contexto relacional acaba gerando uma neurose, uma situação de autonegação recorrente. Por outro lado, se estamos numa relação de não exigência até podemos executar várias tarefas diferentes, no fluir de nosso viver, sem que isto nos leve ao sofrimento, ao adoecimento. Um exemplo é o caso de nossa vida doméstica, onde desempenhamos a atuar em diferentes atividades e, assim, o fazemos. Se esse fazer

doméstico ocorre na cooperação e no respeito, surge a serenidade. Porque não entramos em contradição emocional. Desde que não se coloquem exigências familiares para que façamos o que estamos fazendo.

Para Humberto Maturana uma das grandes preocupações recorrentes em nosso viver cotidiano se refere ao alto índice de angústia que acomete as pessoas. Portanto, buscar maneiras de diminuir o sofrimento, a neurose, e assim existir em um viver com menos momentos de angústia. Vale ressaltar que, para Maturana, o que denominamos de “angústia” nada mais é que o sentimento que decorre do fracasso frente a uma dada situação e/ou a um objetivo que nos colocamos e damos a ele uma importância muito grande, às vezes até mesmo exagerada.

Como podemos lidar com esta situação?

Para Humberto Maturana, DIMINUINDO AS EXPECTATIVAS.

Ou seja, diminuindo ao máximo as expectativas em relação ao que pode acontecer com os nossos desejos e objetivos a serem alcançados.

Mas como fazer isto se somos seres vivos de uma cultura onde o “fracasso” não é aceito ou mesmo tido como sinal de incompetência, falta de empenho ou, até mesmo, irresponsabilidade?

De que maneira podemos fazer isto: simplesmente suprimindo as exigências. Certamente que esta não é uma tarefa fácil. Vamos a um exemplo trazido por Humberto Maturana para refletir sobre este tema:

Quando disse que devemos ser como as crianças para entrar no reino de Deus fiz referência ao desapego. O que é o Reino de Deus? Um mundo sem angústias sem pretender ser o que não se é. E está em harmonia de viver o presente e não com a atenção voltada para o resultado do fazer ainda que se trate de um fazer com o propósito de obter um resultado”. (MATURANA, 1997, p.24).

Ao ser indagado sobre se considerava uma pessoa sem angústia, Maturana respondeu bem-humorado: *“Eu creio que sim. Salvo quando tenho problemas econômicos. Fora disto, não carrego angústias”* (MATURANA, 1997:25).

Esta conduta de buscar viver sem expectativas (ou com o mínimo possível delas) pode ser o caminho para atingirmos o que chamamos de felicidade, pois significa viver a vida em harmonia, com serenidade em relação ao que acontece em meu cotidiano, no fluir do meu viver no presente. Uma forma de viver, isto é, para Maturana, viver no amor. Sempre que aceitamos o outro como legítimo outro em seu

fazer estamos em uma convivência de harmonia. Por isto que o amor é a emoção que funda o social como o autor sempre repete. Quando estamos na emoção do amar cessam as exigências. Ao cessarem as exigências, cessa, também, as expectativas em relação ao outro. A exigência se constitui numa forma de negação, de não aceitação da legitimidade do outro. Isto porque, para Maturana (1997), a exigência nega o outro na medida em que não lhe permite uma conduta responsável naquilo que faz, pois colocamos nas consequências de seu fazer a responsabilidade pela minha felicidade, ou infelicidade.

Outra motivação para que diminuamos as exigências e as expectativas é que quando algo não acontece como esperávamos que acontecesse, acabamos não percebendo, não vendo, tudo o que de bom pode ter acontecido. Isto ocorre, pois estamos tomados pela emoção do fracasso, da incapacidade. Da mesma forma, quando acontece o que esperávamos, e as expectativas são satisfeitas, não percebemos que muitas outras coisas não ocorreram e não percebemos, assim, uma série de “erros” cometidos no processo em andamento. Humberto Maturana alerta para o fato de que em nosso viver cotidiano muitas coisas não acontecem como previsto e esperado. Para ele, muitas pessoas vivem numa compreensão de que a felicidade está no fato de que todas as coisas aconteçam de forma planejada, enfim,

Que tudo corra bem. Não é certo isto. A maior parte das coisas que alguém faz não resulta tão bem, quando resultam bem, a pessoa se entusiasma, se cega na celebração, na comemoração e não percebe os erros que começa a cometer. Com isto se anda pela vida aos saltos, da angústia a felicidade e vice-versa. Eu não ando assim, pelo menos. “Eu sou alegre, justamente, por isso”. (MATURANA, 1997, p.26).

Mas afinal, o que é a felicidade? Para Maturana, é viver sem ter aspirações, viver sem ter expectativas. Viver a vida em harmonia com as circunstâncias. E isto “Não requer viver flutuando na desordem ou no caos. Alguém faz o que faz porque quer fazê-lo, e se não acontece faz outra coisa” (MATURANA, 1997:25).

Fundamentado no que já comentei sobre o surgimento da sociedade patriarcal, coloco as seguintes reflexões:

(1) como se gestaram estes espaços de relações de competição, de controle e de dominação na cultura em que vivemos se no princípio o que existia eram pequenas comunidades que viviam do pastoreio de poucos animais?

(2) Como uma sociedade baseada numa atividade tão pacífica, como o pastoreio, deu origem a uma cultura de dominação e de guerra?

Para responder estas duas questões, Humberto Maturana retrocede para momentos históricos anteriores a cultura do pastoreio e nos traz a seguinte reflexão:

No início o que existia não pode ser denominado de pastoreio. O que ocorria era que um pequeno grupo, uma família, seguia alguns animais migratórios dos quais se alimentava. Porém não só os humanos seguiam estes animais migratórios. Grupos de outros animais, entre eles os lobos, também o faziam. Em determinados locais e em determinadas épocas começa a ocorrer uma competição pelo alimento entre humanos e as matilhas de lobos.

Como forma de garantir seu alimento, os humanos começam a delimitar os espaços para reter e proteger os animais de pastoreio e, com isto, garantir seu sustento. Busca, assim, garantir sua alimentação e sobrevivência como espécie. Nasce, deste modo, uma ação de apropriação. Apropriação que tem como origem o controle dos humanos sobre a circulação dos animais de pastoreio.

Temos, neste ato, aparentemente corriqueiro de apropriação, o surgimento da emoção de apropriar-se de algo. Esta emoção de controle e de apropriação acaba levando, ao fim e ao cabo, a exigência até mesmo da eliminação física dos lobos se isto se fizesse necessário.

A partir do momento em que a necessidade de excluir os lobos deixa de ser um fato episódico e passa a fazer parte da rotina do viver da comunidade de humanos, isto passa a se conservar e a se transmitir de geração para geração. Surge, assim, o pastoreio. É neste sentido que o pastoreio, como modo de vida, se baseia na apropriação e no controle. Para Humberto Maturana,

Ao surgir o pastoreio, como modo de vida, surge à apropriação, a desconfiança no mundo natural, o controle, a inimizade e a guerra, e os instrumentos de caça se tornam em armas. O pastoreio era pacífico quando da ausência da guerra ativa, sua constituição, sua origem, no entanto, não é pacífica (MATURANA, 1997, p.56).

Esta proposição de Humberto Maturana sobre as origens da cultura matrística se apoia em estudos antropológicos e em fontes arqueológicas. Isto se deve ao fato de estarmos vivendo hoje uma época muito distante no tempo daquela que, segundo ele, deu origem a uma cultura de orientação matrística. Alguns estudos arqueológicos feitos na região dos Balcãs da velha Europa (cerca de 7.000 anos atrás) mostraram um modo de vida que não deixou marcas de competição, de hierarquias, de dominação, de guerras, enfim, mostram uma vida em cooperação. Mostram um fluir

do viver onde a competição e a negação do outro não se faziam presentes, pois, não eram necessárias.

Isto pode ser constatado pelo fato de que não foram encontradas fortificações para as populações se defenderem de inimigos externos. Esses inimigos não existiam, pois, os outros povos também viviam sem a emoção da guerra, da dominação, da competição. As investigações arqueológicas realizadas nas sepulturas não registraram marcas de artefatos de guerra, nem de separação entre masculino e feminino, nem sinais de apropriação de objetos ou divisão de sítios,

Frente a estes achados o que se pode afirmar é que existia um modo de conviver na cooperação, na aceitação mútua do outro, no partilhamento de tudo o que existia. Enfim, vivia-se numa coletividade em perfeita comunhão, em uma conduta de harmonia sem o sentimento da propriedade e, portanto, sem a emoção da competição com o outro.

### 3.8.10.2A linguagem

A angústia está relacionada com as expectativas e se suprime eliminando as exigências (MATURANA, 1997, p.24).

A humanidade deve ter começado, segundo Maturana, há cerca de três milhões de anos, originada de uma linhagem de primatas bípedes. Viviam no continente africano, mais provavelmente no hoje denominado Quênia. Estes precursores tinham a estatura de uma criança de hoje com cerca de oito anos de idade. Viviam em pequenos grupos de não mais de 10 indivíduos. Eram caminhantes eretos e se alimentavam do que colhiam em seus deslocamentos: sementes, nozes, frutas, algumas raízes e, eventualmente, restos de outros animais deixados por predadores carnívoros.

Os achados paleontológicos, destes nossos prováveis ancestrais, mostram que os mesmos não eram caçadores, ou se por ventura em algum momento caçavam isto se dava em relação a animais muito pequenos, pois, suas dentições mostram que deviam ser coletores e comiam frutas, algumas raízes, alguns insetos, nozes e algumas sementes nutritivas.

A condição de humanos que hoje vivemos se deu por meio da conservação, geração após geração, de maneiras de viver sustentadas pela recursividade de



atitudes como a cooperação, o compartilhamento de alimentos, as relações de ternura, de sexualidade e de sensualidade, enfim, pela colaboração e pela emoção da aceitação mútua. Uma forma de viver onde as tarefas não eram distribuídas, por exemplo, segundo os sexos. O entrelaçamento entre ternura, sensualidade e sexualidade leva a ampliação dos espaços e das condutas de intimidade na coexistência entre os homens e as mulheres. Para Maturana (2004, p. 253) *“Na aceitação e abertura para a intimidade total com o outro – no prazer do contato corporal e na total confiança que implica -, a sexualidade expande o domínio do respeito e da auto e hétero-aceitação”*.

A forma de vida de nossos ancestrais era muito semelhante à nossa atual, só que sem a linguagem. Como grupos pequenos partilhavam alimentos e as condutas eram todas cooperativas. Viviam na troca de carícias e sua sexualidade já era frontal o que os colocava frente a frente nos momentos de sexualidade, de ternura e de intimidade.

Ao lado disso, a sensualidade era recorrente, os machos participavam do cuidado das crias e isso tudo ocorria no domínio de “estreitas coordenações comportamentais aprendidas que acontecem na incessante cooperação de uma família extensa” (MATURANA, 2001, p. 193). Para esses autores, na evolução dos homínídeos, diferentemente de outras formas e modelos explicativos clássicos o desenvolvimento do cérebro que hoje temos tem a ver com a linguagem e não com a manipulação de artefatos e instrumentos manuais, pois a mão já estava desenvolvida muito antes de aparecerem instrumentos (MATURANA, 1998, 2001, p. 96). Para Humberto Maturana, a linguagem não é a manipulação de símbolos, nem simplesmente comunicação e isto o diferencia absolutamente dos linguistas. “A linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais. Mais ainda, a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações” (1998, p.20). Esse operar em coordenações consensuais só poderia começar a ocorrer entre seres que têm encontros recorrentes na cooperação, jamais na negação e/ou na competição.

Esses encontros na cooperação passam a ser conservados como um modo de vida, e passam a constituir uma linhagem de organismos, do mesmo modo que acontece a todos os seres vivos. No caso humano, a linhagem de primatas evoluiu em mudanças que se conservam através de várias gerações até o nosso modo de vida atual, que surgiu “de conduta na intimidade da convivência, na sensualidade e no

compartilhar” (1998, p.22), num modo de vida que permite acontecerem as coordenações de coordenações consensuais de conduta. Assim, para haver as consensualidades de ações que deram origem à linguagem teria que haver um modo de vida recorrente na cooperação, e não na competição, pelo simples fato de que seres que competem, vivem na negação um do outro, e não abrem espaço para a aceitação mútua. Sem aceitação mútua e recorrente, não haveria espaço para coordenações consensuais e, não haveria condições para o surgimento da linguagem.

A linguagem, portanto, é um fenômeno que surge no entrelaçamento do emocionar e do agir, onde o emocionar e o agir modulam-se no decorrer de coordenações de coordenações consensuais de ações. Ao obter esta explicação sobre a linguagem, Maturana conclui que ela não surge como produto da apreensão que fez ou faz algum indivíduo sobre algo do mundo externo. Ao contrário, para ele, a linguagem surge como um fenômeno que acontece nas relações entre os indivíduos. Ao mesmo tempo, entende que o surgimento da linguagem permite o aparecimento do mental e da autoconsciência humana como fenômeno inédito, até onde sabemos. Também, com isso, constata que a consciência e o mental pertencem ao domínio do acoplamento social e linguístico (MATURANA; VARELA, 2001, p.257). Não admite, portanto, a existência de um domínio metafísico, ou mesmo que a linguagem surja de algum fenômeno transcendente ao nosso viver. A linguagem acontece na biologia da nossa corporalidade e das nossas relações. Sendo a linguagem pertencente ao domínio das relações, ela não acontece no corpo nem no sistema nervoso. Ela ocorre, conforme Maturana (1997, p.168), no espaço de coordenações de coordenações consensuais de conduta que se constitui no fluir dos seus encontros corporais recorrentes. Nenhuma conduta, nenhum gesto ou postura corporal, particular, constitui por si só um elemento da linguagem, mas é parte dela na medida em que pertence a um fluir de coordenações consensuais de conduta. Ou seja: a linguagem, como a entendemos, decorre de um conjunto complexo e interativo de várias condutas numa certa relação. Uma relação que só pode ter sido de cooperação e de aceitação mútua e jamais de negação

Como um fenômeno que ocorre no domínio das relações, a linguagem não é um instrumento, não é feita de símbolos, nem de valores lógicos nem de significados independentes da ação em coordenações consensuais. Assim, as palavras somente são palavras se forem elementos consensuais no fluir recursivo das coordenações

consensuais. E podem acontecer como gestos, posturas corporais, sons, ou condutas que vemos, distinguimos e às quais atribuímos significados como observadores.

Conforme já mencionado, o emocional que fundamenta o social é o amor, a emoção de aceitação mútua, que, por sua vez, proporciona o convívio na cooperação, que permite as coordenações de coordenações de ações, ou seja: a linguagem. Esse emocional, para o autor, é espontâneo na biologia da linhagem de primatas à qual pertencemos e na qual deriva nossa evolução. “É o modo de vida hominídeo que torna possível a linguagem, e é o amor como a emoção que constitui o espaço de ações em que se dá o modo de viver hominídeo, a emoção central na história evolutiva que nos dá origem” (MATURANA, 1997, p.174).

Mas isso não é ainda suficiente para responder à pergunta sobre o humano como ser racional, como habitualmente nos referimos. O ser racional que frequentemente é referido para fazer distinção do ser humano dos outros animais, para Maturana, é uma afirmação que restringe nossa visão sobre nós mesmos. Quando nos declaramos racionais, estamos na verdade procurando desvalorizar as emoções, e,

Não vemos o entrelaçamento entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”...As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação (MATURANA, 1998, p. 15).

Segundo Maturana, podemos perceber isso quando compreendemos como operamos na linguagem. Quando compreendemos a linguagem como entrelaçamento do nosso emocional e da nossa ação.

Esse fundamento emocional se explica através do entendimento biológico das emoções como disposições dinâmicas, que ocorrem na fisiologia do sistema nervoso e no organismo, que acontecem enquanto ocorre o nosso viver. No fluir do viver, tudo o que fazemos se constitui a partir das emoções que configuram o que fazemos. Inclusive quando dizemos que estamos fazendo algo a partir da razão, estamos nos movendo em reflexões que acontecem na linguagem, que, por sua vez, acontece como um fluir de coordenações de ações fundadas nas emoções que lhes deram origem. Por isso, Maturana (1998, p.22) afirma que “não há ação humana sem uma

emoção que a estabeleça como tal e a torna possível como um ato”, vai além e afirma que *“Todo sistema racional se constitui no operar com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção”* (1998, p.16).

Nesse entendimento, no domínio da nossa fisiologia, sobre o modo em que acontece o emocionar, podemos reconhecer que a todo momento, qualquer que ele seja, até mesmo dormindo, estamos vivendo uma emoção. E que, no domínio relacional, vivemos no fluir do nosso emocionar entrelaçado com o linguajar. Isso acontece como mudanças nas configurações da nossa estrutura, em uma dinâmica de mudanças na fisiologia e na conduta. Portanto, o racional, o raciocínio, pertencem ao domínio das coerências operacionais da linguagem. Essas coerências operacionais acontecem em conjuntos particulares de coordenações consensuais de conduta. Por isso o racional não pode ter, como muitas vezes nos parece, um fundamento ou validade universal (MATURANA, 1997, p.169). Quando Maturana fala do humano costuma discutir principalmente as emoções, a linguagem, o racional, o amor e o social. Mas, ao afirmar que toda a ação humana depende de uma emoção para se constituir, afirma que o social surge de uma emoção específica que é o amor. Amor e emoção, para este pensador, não expressam o mesmo que sentimentos, como comumente são conotados. Sentimentos para Maturana é a maneira como costumamos designar diferentes emoções, assim, dizemos que estamos com sentimentos de raiva, tristeza, alegria e outros. O amor, para ele, não especifica nenhum tipo de valor a ser cultuado. Não fala em amor como um preceito cristão ou religioso.

Como queremos demonstrar, nos referenciando em Humberto Maturana, na origem o que se tinha não era uma contraposição entre os sexos (masculino e feminino), mas, sim, uma relação de colaboração. Com isto não existiam relações de trabalho, por exemplo, patriarcais, onde o masculino se sobrepõe ao feminino. Existe uma diferença fundamental em as mulheres fazer algo “para os homens” de forma espontânea, carinhosa, e fazer algo como resultado de uma exigência, de um estado de subordinação numa relação. É neste sentido que fazer alguma coisa pelo outro ou outra não define uma relação de subordinação e/ou de dominação.

O que define uma relação de subordinação é fazer algo sob a condição de uma exigência, de uma cobrança, enfim, é fazer algo para satisfazer uma exigência do outro. Ou para atender a uma expectativa.

Assim que, o que acaba definindo os papéis de feminino e de masculino numa relação é a emoção envolvida e que dá sentido a esta relação que está se estabelecendo.

Nas palavras de Humberto Maturana (2004, p.18-19): “É a emoção, sob a qual fazemos o que fazemos como homens e mulheres, que torna ou não o afazer uma atividade associada ao gênero masculino ou feminino, segundo a separação valorativa própria de nossa cultura patriarcal, que nega a colaboração”, e que se pauta na exigência e na competição.

É a este modo de viver na liberdade e na ação colaborativa entre homens e mulheres que Humberto Maturana denomina de comunidades *matrísticas*. São comunidades que se caracterizam por um fluir do viver orientado pela confiança entre os indivíduos masculinos e femininos e em harmonia com o mundo natural. Este modo de vida que se estabelece e permanece por cerca de 5.000 anos é apresentado por Humberto Maturana como o processo que organiza e fundamenta a biologia *do amar humana*.

Assim sendo, a cultura patriarcal e matriarcal, constituem-se num modo de vida que se origina fora da Europa. É um viver cultural pertencente a grupos de origem Indo-europeia chamados de Kurgans (GIMBUTAS, 2007) invasores da Europa, Índia e China. São comunidades formadas por andarilhos cavaleiros, por pastores e alguns guerreiros.

Estes grupos têm, todos, uma característica semelhante: se organizam e vivem numa conduta em que predomina o controle, o sentido de propriedade, a busca da dominação, do uso da violência e da arte de guerrear.

Para Humberto Maturana o que resulta deste modo de viver, onde a desconfiança como fato eventual se estabelece como uma emoção presente o tempo todo, é uma relação de medo. Um medo que acaba se propagando, mesmo que de forma inconsciente, para as gerações seguintes. Assim se estabelece, sucessivamente, uma cultura de medo, de negação do outro, de competição, enfim, uma relação onde a desconfiança passa a ser a emoção que caracteriza o modo de viver. Passa-se, assim, a viver num processo de permanente insegurança, desconfiança e medo.

Tal modo de viver, onde a desconfiança passa a ser “natural” e mesmo considerada necessária, nos remete a uma relação de insegurança frente aos

diferentes ambientes e situações cotidianas o que nos impede de viver na emoção do amor, do acolhimento, da partilha, enfim, da cooperação e não da competição.

Acabamos, assim, negando nosso fundamento básico como humanos. Justo àquele que nos constitui como espécie animal e como seres humanos que é, segundo Humberto Maturana, a Biologia do Amar.

O que acabamos tendo é que este modo de viver, orientado pela cultura patriarcal de dominação e de competição, acaba por se manifestar em todas as nossas relações cotidianas. Nas relações familiares, nas relações de trabalho, nas relações afetivas, e, como não poderia deixar de ser, está muito fortemente presente em nossas relações educacionais escolares e, também, não escolares. Temos, com isto, uma relação onde alguns dominam e outros são submissos. Uma relação onde são colocadas exigências de uns em relação a outros e, não raro, colocamos exigências a nós mesmos. Vale ressaltar que: algumas dessas exigências ao não serem atendidas, satisfeitas, nos levam ao sofrimento, a dor da frustração. Enfim, nos remetem a infelicidade no viver cotidiano.

Estas são, dessa forma, as relações de poder que se estabelecem. O poder passa a ser algo que alguém recebe em função da submissão de outros e outras. Submissão que, não raro, acaba se instituindo como algo no plano do “natural”. Ou seja: se estabelece uma relação onde alguns aceitam ser submissos e outros entendem que tem o direito de submeter os(as) outros(as). Alguns orientam seu viver como dominadores na relação. Uma consequência imediata de uma relação deste tipo é que alguns têm negada a possibilidade e mesmo a capacidade de fazer escolhas em liberdade e responsabilidade.

Porém, nada está decidido definitivamente. É certo que vivemos numa sociedade onde o patriarcado dá a orientação e define o caráter da maioria das nossas relações cotidianas. No entanto, não podemos esquecer que todos e todas as pessoas adultas já foram, um dia, crianças. Como crianças tiveram – salvo casos especiais – uma relação matrística na sua infância. Uma relação de ternura materna, de acolhimento afetivo, de cuidado amoroso, pelo menos nos primeiros anos de vida.

A lembrança desta relação matrística se mantém viva na cultura patriarcal na qual vivemos imersos quando jovens e adultos. Ou seja, a possibilidade de uma vida na ternura, no carinho, no acolhimento amoroso é uma possibilidade real que pode ser viabilizada.

Reafirmando: um viver na biologia do amar está latente em cada uma das pessoas e pode, portanto, ser retomada. Sobre esta possibilidade, Humberto Maturana é enfático ao escrever que as crianças desde sempre sabem disto. O autor dá um exemplo de como nos acostumamos a falar sobre, a teorizar sobre, mas, temos muita dificuldade em viver aquilo que defendemos e que até mesmo achamos que é adequado. Nas suas palavras:

A aceitação e o **cuidado** do outro é a aceitação do outro no presente – não é aceitação num sentido genérico, universal...Se estou com meu filho nos braços e estou pensando no que tenho que fazer para ganhar a vida, não estou com meu filho nos braços. A criança sabe disso, segura meu rosto e diz: “Mas papai, estou aqui com você! Não estou com a criança – estou com ela aqui nos braços e estou lá...Onde? Não sei..no trabalho, na preocupação, porque não tenho dinheiro, ou porque quero ganhar o prêmio Nobel, qualquer coisa, mas não estou ali com a criança (MATURANA, 2001, p. 97).

Este estar junto, é que pode nos orientar no caminho de uma verdadeira convivência na amorosidade e na cooperação. Para Maturana, o desenvolvimento da criança exige que aconteça no amor. Somos filhos do amor. Uma demonstração disto é que não nascemos nem amando nem odiando ninguém em particular. Pergunta-se então, o autor: “Como então aprendemos isso? Como o ser humano é capaz de odiar com tanta virulência, a ponto de destruir os outros, mesmo à custa de sua própria destruição na tentativa. Ele começa a aprender isso já na sua própria família” (MATURANA, 1995, p.15).

Contudo, é necessário entendermos que o fato de vivermos numa sociedade de orientação patriarcal, como dominadores, como competidores e na desconfiança em relação ao outro, não nos tira a possibilidade de reverter esta forma de viver. A escola, bem como os diferentes espaços onde a educação acontece, e a forma como organizamos estes espaços, é fundamental para darmos uma outra orientação para nosso modo de viver, isto, é preciso dizer se não estamos satisfeitos, contentes, com a forma adotada para viver nosso cotidiano.

A educação escolar pode ter um papel muito importante nesta “virada”, nesta mudança de orientação em busca de edificação de uma outra sociedade e na construção de um outro país para vivermos. Qual seria, então, o papel da escola na sociedade que vivemos e que poderia nos orientar no sentido de uma cultura matrística?

A partir desta compreensão é que para Humberto Maturana o papel da educação e da escola é: permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade e liberdade na comunidade a que pertencem (MATURANA, 2000, p. 13). Apenas isto. Simples assim.

Um passo importante para começarmos a mudar a cultura estabelecida é aceitarmos que não podemos ensinar para as crianças o que é a sua cultura. O que podemos fazer é criar um espaço onde elas viverão os diferentes modos culturais que, assim, incorporarão em seu viver de crianças, de jovens e de adultos.

No entanto, para que isto ocorra, se faz necessário que tanto homens como mulheres vivam, experienciem, um espaço de viver colaborativo e de aceitação mútua. Que exercitem a co-inspiração, e, principalmente a cooperação e a co-participação numa convivência acolhedora e libertadora. Uma relação deste tipo só poderá acontecer se vivermos o fluir de nosso viver sem exigências e de expectativas em relação ao outro e a nós mesmos. Isto precisa começar o mais cedo possível. Portanto, o momento da mais tenra infância é o momento mais adequado para se começar a estabelecer este espaço de cooperação.

Co-operação como algo que significa *co-operar*. Ou seja: *operar com* o outro. Operar junto, numa emoção de aceitação mútua no fluir do viver cotidiano.

Pensamos que este poderia ser um ponto de recomeço para que tivéssemos, no Brasil, uma educação em geral e uma educação infantil em particular, que nos encaminhasse para um viver no amar ao outro.

### **3.9 Um Novo Olhar e Um Novo Tocar na Fisioterapia**

É o paciente e não o fisioterapeuta é responsável pela cura, quando este mais calmo e reflexivo promove uma virada emocional em sua vida, escolhendo outras atitudes, outras emoções, em que um fazer baseado no amar e no respeito e auto-respeito o levam a se proteger e promover ações saudáveis e reflexivas, com um viver de alegria e leveza.

Já propomos anteriormente qual abordagem possibilita a fisioterapia e a área de saúde alcançar um fazer mais próximo do humano e que potencialize seus objetivos na Atenção Primária à Saúde fundados na aceitação do outro e na cooperação, na diminuição dos espaços hierárquicos e construção de relações mais horizontais. Agora apresento minhas ideias a respeito de como estes resultados são



obtidos na atenção secundária e terciária, em consultórios, clínicas e hospitais, no fazer fisioterápico em uma equipe multiprofissional ou individualmente.

Tenho afirmado que a renúncia da autoridade na fisioterapia propicia um tratamento com a recuperação da autonomia biológica/cultural do paciente. Isso significa o que comumente chamamos de cura, como a superação do sofrimento e da dor, além da limitação de movimentos e independência dos pacientes. A cura tem determinados graus de possibilidade. Assim, uma lombalgia ou em um grau mais complexo, a hérnia de disco lombar é completamente superada, assim como doenças como a fibromialgia e síndrome da fadiga crônica, que possuem um forte componente emocional, reconhecido até mesmo pela medicina clássica.

Doenças degenerativas como artroses, que apresentam determinados desgastes nas cartilagens articulares, também, se não estiverem num grau de deformidade excessivo, podem ser curadas, uma vez que corrigimos o desalinhamento postural que causou o desgaste. Realinhado o eixo postural, nesse ponto de relação articular não há um desgaste significativo. Artroses muito severas que apresentam já, uma deformidade óssea e postural, se beneficiaram significativamente em suas dores e na diminuição das grandes limitações em que vivem seus portadores.

Pacientes que passaram por grandes danos que corromperam significativamente seus tecidos como poli-traumatizados e de acidentes vasculares encefálicos (AVE) terão a oportunidade de recuperar ao máximo sua saúde. Mesmo pacientes internados, com infecções, neoplasias e pós-cirúrgicos poderão alcançar uma recuperação mais rápida e mais integral. Aqui, possuo experiência em que com uma ou duas visitas fisioterápicas ao leito do paciente internado, condutas que beneficiem mais equilíbrio e autonomia biológica possibilitam um grande bem-estar e mais vitalidade ao paciente. Potencializando sobremaneira a ação de medicamentos e outras técnicas tradicionais.

Os pacientes depressivos e dentre destes os grandes depressivos com ideação suicida, beneficiam-se sobremaneira, com grande potencial de mudar sua biologia estruturada em uma doença mórbida depressiva, para uma biologia potencialmente e gradativamente mais saudável, contanto que suas contextualizações possibilitarem uma mudança em seu meio.

Enfim, todos os pacientes em todos os níveis de morbidade podem ter restauradas sua saúde e autonomia biológica. Na maioria dos casos anteriormente

citados, a medicina e a fisioterapia tradicional não acreditam que haveria uma resolução de tais alterações mórbidas, mas muitos pacientes conseguem superar tais doenças, procurando profissionais qualificados e que atuam segundo outros princípios e paradigmas.

Mas qual tipo de tratamento teria tal potencial? Quais recursos, técnicas ou métodos conseguiriam resolver ou reabilitar pacientes com morbidades tão difíceis de serem superadas? Qual atitude do fisioterapeuta poderia otimizar abordagens da fisioterapia nesse nível? E o que acontece para que indivíduos mais saudáveis, que conseguem ir conservando sua saúde de repente perdem essa capacidade biológica e adoecem?

Mais uma vez recorro a Biologia do Conhecimento e a Biologia do Amar para refletir sobre o processo de adoecimento e porque alguns profissionais fisioterapeutas e alguns métodos fisioterápicos possuem esta efetividade em seu atuar.

Faço essas perguntas/reflexões, pois estas colaboram com as proposições para a formação de professores de fisioterapia. Vejo o processo de adoecimento como uma perda da autonomia biológica interna deste indivíduo, em que seus órgãos e sistemas não mais atuam em uma sincronicidade biológica, em uma consensualidade interior entre suas emoções e da sua naturalidade corporal. Isso ocorre quando o paciente não percebe ou não respeita mais seu corpo, suas emoções.

Existem profissionais fisioterapeutas mais sensíveis a estas a estas questões. Acredito que inicialmente encontramos uma área de atuação que a pouco tempo começa a ser estudada academicamente. São chamadas de terapias alternativas ou, mais recentemente de terapias complementares. Não estão presentes, como conhecimento acadêmico, dentro da fisioterapia, mas são usadas por alguns e algumas fisioterapeutas, constituindo, de fato, um determinado fenômeno, na fisioterapia. Fazem esta opção, certamente, em função do descontentamento com o perfil biomédico da fisioterapia e do modo tradicional como a ciência cartesiana olha para este paciente: segmentado e apático. Um(a) paciente sem alma ou mente. Sem emoções. Para ilustrar o que digo, vou contar um fato, uma conversa que tive com uma colega que se formou um pouco depois de mim. Éramos ambos profissionais com pouco tempo de atuação. Ao reencontrá-la, conversávamos de como estavam nossas vidas profissionais. Para minha surpresa ela estava cursando medicina. Mais surpreso ainda fiquei com a motivação que a levou a isto. Contou-me que em sua trajetória de fisioterapeuta recém-formada, deparava-se com pacientes, que tratavam

seus sofrimentos físicos, mas que durante as sessões suas queixas eram sobre suas insatisfações e mazelas emocionais, e que ela não sentia que poderia ajudar estes pacientes. Foi então fazer medicina, onde não se depararia com estas queixas e esses desafios!

Refletindo, cheguei ao entendimento que esse fato, de perceber que corpos de pacientes sofriam e doíam pelo seu comportamento emocional, pela forma que viam a vida e da forma emocional que reagiam as contradições e contratempos da vida era justamente o que fascinava na fisioterapia e era esse o meu desafio, era assim que eu queria trabalhar.

Passei a estudar outros autores, principalmente os que se ofereciam seu pensamento para a psicologia. E, muitas vezes utilizei técnicas deste campo de terapias complementares. Acredito que isso acontece com outros profissionais, que em sua insatisfação, buscaram e buscam em terapias alternativas um olhar mais humano e integral para seus pacientes e seu trabalho.

Vou citar, apenas elencar algumas destas práticas:

- \* Relaxamento autógeno;
- \* Renascimento;
- \* Respiração holotrópica;
- \* Eutonia;
- \* Ginástica Holística;
- \* Reike ou energização;
- \* Remédios florais;
- \* Acupuntura (esse conhecimento de origem chinesa, encontra-se hoje, legitimado nas profissões da saúde, nas ainda não é bem aceita por não apresentar evidencias científicas clássicas).

Acredito que através da Biologia do Conhecimento e Biologia do Amar se apresenta a nós essa possibilidade, de olhar para o humano e atuar na fisioterapia de uma maneira mais efetiva e afetiva e que esse atuar potencializa enormemente as técnicas e métodos desenvolvidos por fisioterapeutas, baseados no tocar e na terapia manual, com abordagens mais globais e integrais, valorizando as emoções e compreendendo realmente o sentido do humano e importância da confiança no ambiente terapêutico e entre pacientes e fisioterapeutas.

A consensualidade, como uma atitude terapêutica, que busca no acoplamento com o corpo do paciente, através de um toque maternal em respeito absoluto aos

ritmos biológicos e de autonomia dos corpos destes pacientes, onde a leveza e a firmeza do toque fisioterápico sejam modulados pela respiração, tonicidade e a singularidades do paciente, levam este a confiar.

Levam, da mesma forma, a encarar como legítimas suas sensações e sofrimentos, potencializando o exercício reflexivo do paciente para que vá, ele mesmo, num clima de descoberta, entendendo sua história de vida, contextualizando suas atitudes e a história de suas doenças. A cura do(a) paciente e a recuperação da sua *autonomia biológica* não está mais na execução de técnicas e manobras por parte do(a) fisioterapeuta. Não é este que a promove. Tal poder não existe, ou se existe, ou quando acontece, tratam-se de técnicas extremamente invasivas, que não restauram, verdadeiramente a saúde do paciente, principalmente quando falamos de saúde corporal. Como unidade **autônoma**, o corpo humano precisa de um processo lento e gradual, propiciado pelo ambiente e relação de entrega e confiança do paciente em seu terapeuta, promove a aceitação, por parte do corpo do paciente da nova **autonomia biológica**. Isso só pode acontecer quando se instala, na total confiança, um acoplamento estrutural ativo, em parceria com o(a) paciente, na confiança por parte de ambos. Isso diminui o sofrimento e o estimula a ir exercitando sua nova condição de autonomia de movimentos e posturas não agressivas ao seu próprio corpo. É o paciente e não o fisioterapeuta responsável pela cura, quando este mais calmo e reflexivo promove uma virada emocional em sua vida, escolhendo outras atitudes, outras emoções, em que um fazer baseado no amar e no respeito e autorrespeito o levam a se proteger e promover ações saudáveis e reflexivas, com um viver de alegria e leveza.

Para que esse processo de recuperação da autonomia, de auto-respeito e respeito do outro e de um viver baseado no amar aconteça, é necessário que o fisioterapeuta, em uma atitude pedagógica frente ao paciente, renuncie sua autoridade, de profissional que tudo sabe perante um paciente que nada sabe e é completamente doentio.

Só assim poderá surgir a confiança do paciente em seu terapeuta e do fisioterapeuta em seu paciente, onde o outro passa a ser absolutamente legítimo e nessa relação de amor e a confiança possibilite o surgimento de seres mais felizes e saudáveis, confiantes em uma nova autonomia e um novo fazer que vai sendo exercido.

Na seção “Linguagem e Cultura do Patriarcado”, descrevi como atuamos na linguagem precisamos de recursos e expressões que se referem a conflitos bélicos e de guerra, como de luta, de força, de conflito. Isso revela o quanto a cultura do patriarcado está presente na maneira como pensamos e agimos. Agora quero descrever como este fenômeno acontece na prática do fisioterapeuta em seus atendimentos clínicos. Como esse fazer em nossa cultura e linguajar está relacionado com desequilíbrios biológicos nos pacientes que procuram a fisioterapia.

No livro *Reequilíbrio Somatoemocional (RSE)* do fisioterapeuta e professor Carlos Alberto Barreiros (2008), relata o funcionamento de seu método de tratamento de somatizações e psicossomatizações idealizado segundo a neurociência e a neurobiologia. O autor recorre a Orgonoterapia, método de tratamento psicocorporal criado pelo psiquiatra Wilhelm Reich (1897 – 1957), o primeiro a sintetizar um método de tratamento do psiquismo através do corpo, foi baseado, em alguma medida, pelo funcionamento do sistema nervoso simpático e parassimpático, para descrever os mecanismos de sofrimento psicocomportamental neurótico, o encouraçamento (na forma de anéis, dispostos de cima para baixo em sete, que divididos formam os níveis de abordagem e tratamento). A manutenção destas couraças exigiriam um tipo especial de recalque: “ A fim de manter este...torna-se necessária uma transformação adicional do ego: os recalques têm que ser cimentados, o ego tem de enrijecer, a defesa tem de assumir, um caráter cronicamente operante automático” (REICH, 1998).

Segundo Reich (1998) a família patriarcal em uma sociedade capitalista ou burocrática seriam a origem das disfunções geradas pelo recalque de uma vida sem o devido exercício da sexualidade e da libido na liberdade, não permitindo que nossa energia vital, que ele chamou de “Orgônio” (energia básica da vida e manifestada no orgasmo), circulasse livremente, nos conferindo uma saúde integral. Chamou esta saúde de autorregulação, como uma característica humana de adaptar-se ao meio, descobrindo os melhores caminhos para sua realização. Aqui surge uma aproximação do conceito de *autonomia biológica* de Maturana.

Os indivíduos encouraçados, teriam um padrão, em função do tipo de bloqueio que estabelecem: anorgonóticos, que apresentam déficit energético e hiperorgonóticos, que apresentam estase energética. Seriam dois tipos de desequilíbrios, gerando indivíduos que vivem com seu sistema Parassimpático excessivamente ativado, gerando indivíduos nervosos e que vivem na luta, e

indivíduos que vivem com seu sistema Simpático excessivamente ativado, gerando indivíduos que vivem na defesa e fuga. São atitudes automáticas que impedem uma vida de mais liberdade e tranquilidade.

Durante sua trajetória de cientista e militante de causas sociais, Wilhelm Reich fundou diversos Institutos de formação e estudos da sexualidade, pois acreditava que poderia evitar o surgimento de patologias psiquiátricas e principalmente a neurose. Sua postura era de combater a moral sexual repressiva e a educação autoritária, pois essas aconteciam como interferências inadequadas no desenvolvimento natural em liberdade da criança. O encorajamento daí surgido seria passado de geração para geração (fenótipo ontogênico seria um conceito semelhante em Maturana) através das condutas educacionais baseadas na moral patriarcal.

Para Barreiros, em seu método de tratamento corporal e portanto somatoemocional com repercussões e psicológicas, toma o conceito de couraça como cadeias musculares, de outro método que elaborou em cima da Reeducação Postural Global, que chama de Reequilíbrio Proprioceptivo Muscular (RPG/RPM) (BARREIROS, 2005) e a energia circulante, chamada de orgônio por Reich de “migração tônica” (BARREIROS, 2008), ou seja, o tônus natural que é alterado por um evento traumático de qualquer natureza e que gravado no organismo, percorre o organismo pelas cadeias musculares e faciais elegendo órgãos de sua predileção de acordo com a história de vida de cada paciente e sua visão de mundo. Esse tônus alterado que produz tensões, ansiedade e mais tarde doenças crônicas poderia ser harmonizado por duas vias de tratamento, a seu ver: harmonizando as cadeias musculares pelo RPG/RPM em liberações somatoemocionais com reequilíbrio do ser.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento da Teoria de Santiago, corpo das ideias de Humberto Maturana embasadas na Biologia do Conhecer e da Biologia do amar, me conduziram a um encontro epistemológico, com ideias ou ideais que já exercia, em alguma medida, em minha vida profissional e em minha experiência educacional, como professor.

Meu gosto natural pela cooperação, onde a autoridade e a hierarquia deixam de ter uma importância central e se vê diminuída para facilitar a proximidade entre os atores do cenário acadêmico; minha conduta baseada em valores de mediação como alternativa ao confronto, minha tendência natural em levar o conhecimento em um clima e ritmo de descoberta ao(a) estudante de fisioterapia, me levaram a um encontro fascinante com o pensamento de Maturana.

Minha história de vida, o fato de ter sido criado e cuidado exclusivamente por mulheres, minha mãe, tias, primas, rapidamente me fez um admirador do jeito matrístico de fazer, que permanece resguardado, em alguma medida. Suas atitudes de valorização das emoções e sua capacidade de cuidar e amar de modo espontâneo. De alguma forma, muito intuitiva, percebi que ali sobrevivia um jeito muito diferente de se relacionar e de viver. Desenvolvi naturalmente aversão a expressões do patriarcado como o machismo, a violência, a hierarquia e o poder.

Estudar as proposições epistemológicas e científicas de Humberto Maturana, que aqui se voltam para a Educação e as Ciências Sociais, a Fisioterapia e a Formação de Professores, foram também um encontro comigo mesmo, e a legitimação das minhas atitudes em meu fazer fisioterápico e em minhas proposições para a Formação de Professores e Professoras de Fisioterapia.

No início de minha pesquisa ao levantar informações de modo mais sistemático e até mesmo pouco autoral, me dei conta como a Fisioterapia foi introduzida no Brasil como uma necessidade de uma sociedade que se desenvolvia e apresentava debilidades e mazelas sociais, mas que veio através de médicos que terminavam seus estudos na Europa, de onde traziam um conhecimento absolutamente técnico e reabilitador, voltando-se somente para a atenção terciária e para o indivíduo com sequelas de alguma doença.

Juntamente com a seção “**O Ensino de Fisioterapia – Pensando a Docência em Fisioterapia**” percebi, em minhas pesquisas, que mesmo depois de atingir a formação acadêmica e o estatuto de profissão de nível superior, não conseguiu voltar-se, ainda, realmente para a Atenção Primária em Saúde e, então, para a sociedade. Pois carrega valores da medicina científica e tecnológica, fixada na doença e no (do) indivíduo. É preciso, por isso mesmo, estudar o indivíduo saudável (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004) nos grupos sociais e na sociedade, e como o conservar assim, com a colaboração da Fisioterapia. E é preciso que a fisioterapia trabalhe em uma equipe multidisciplinar, onde a horizontalização das relações, onde não aconteça, como necessidade, a hierarquia, pois esta não permite as relações sociais (MATURANA, 1998).

Estou absolutamente convicto que a Biologia do Conhecimento e a Biologia do Amar têm muito a dizer sobre isto e é preciso repensar a Formação de Professores e Professoras de Fisioterapia, também, por esse olhar.

Ainda nesta seção, começo a me ocupar com um entendimento que levou Humberto Maturana a propor o algo, que em suas pesquisas em neurobiologia o levaria, com o tempo, a proposta revolucionária da Biologia do conhecimento e da Biologia do Amar, encontrada, principalmente, no livro *Arvore do Conhecimento* (2001), escrito com seu aluno Francisco Varela, já falecido: o *Aclopamento Estrutural*.

Uma teoria que demonstra que todo organismo vivo, inclusive os mamíferos e nós, os humanos, sendo um deles, estabelecem ligações com o meio ambiente e com outros organismos e seres, e que estas interações produzem alterações biológicas nestes organismos e também no meio que estes organismos vivem.

A luz desta proposição de Maturana examino, como acontecem estas relações entre fisioterapeuta e paciente, propondo o toque como forma de abordagem terapêutica essencial, com um potencial de equilíbrio muito superior a qualquer equipamento ou aparelho.

Propondo que este toque tenha a sutileza e firmeza do toque materno, ao fazer referência aos novos métodos ligados ao toque e a posturas criadas por fisioterapeutas e não mais por médicos, que deixam de ser apêndices tecnológicos, como equipamentos e aparelhos, que interpõem-se entre fisioterapeuta e paciente, passando a tecnologia para o corpo do paciente e possibilitando a este total atenção ao seu corpo, num processo de descoberta e de contextualização do seu viver e suas percepções e emoções.



O acoplamento com o paciente através do toque, de maneira terapêutica, respeitando as defesas e ritmos corporais só pode se dar em ações consensuais e na aceitação do outro como um legítimo outro nesta relação. Aos poucos, começa a se delinear em minha dissertação, baseado no conceito da *negação do desejo a dominação* de Maturana (1998), que chamo, calcado no conceito de autoridade legal do médico, de *Renúncia da Autoridade* do fisioterapeuta sobre o paciente, surge como a proposição central de minha dissertação.

No capítulo em que abordo mais especificamente as emoções, chamado **O sentido das Emoções na formação do professor de Fisioterapia**, surge então o conceito das emoções. Emoções que, segundo Humberto Maturana, não são o que correntemente denominamos de sentimentos. Do ponto deste autor o que conotamos quando falamos de emoções são, nada mais nada menos, que as disposições corporais dinâmicas que definem os domínios de ações nos quais flui o nosso viver.

Essa proposição de Humberto Maturana coloca as emoções como atitudes, que acontecem em nosso corpo, gerando comportamentos e ações em nossos grupos sociais e que demonstram porque agimos de determinada forma em certas circunstâncias.

O neurocientista Antonio Damásio, em seu livro *O Mistério da Consciência* (2000), faz essa distinção entre emoções e sentimentos. Faz no limite da física clássica, aonde faz-se necessário demonstrar em que estrutura acontecem tais emoções ou sentimentos, mas de qualquer forma, colabora no entendimento destes fenômenos, do ponto de vista biológico.

Emoções se voltam para fora, são públicas, aconteceriam de forma induzida e muitas vezes não temos o conhecimento delas, enquanto que os sentimentos são privados, voltam-se para dentro e são essencialmente conhecidos por nós. É por intermédio das emoções, que aconteceriam, no sistema nervoso, em regiões mais profundas como amígdala e sistema límbico é que os sentimentos iniciam seu impacto sobre a mente, córtex e na superfície do cérebro. O impacto integral e duradouro dos sentimentos requer a consciência, pois somente em conjunção com o advento de um sentido do self (sentido do si-mesmo) os sentimentos são conhecidos pelo indivíduo que os tem (DAMÁSIO, 2000).

Para Humberto Maturana, o amor é a emoção central na história evolutiva e responsável pela nossa história de hominização. Foi o amor e o acolhimento do

estranho, como um legítimo outro na nossa convivência o responsável pelo nosso desenvolvimento.

O ser humano é apetrechado para o amor e é dependente dele, sendo uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, social e espiritual do adulto. Na ausência do amor a criança não se desenvolve adequadamente e o adulto adocece.

A compreensão de como essa emoção acontece em nossas vidas a coloca como absolutamente indispensável na educação e na formação de profissionais fisioterapeutas, onde a convivência e o respeito, em um clima democrático de igualdade e liberdade, possibilita uma condição mais ativa dos(as) alunos(as) levando-os a assumirem para si a sua educação, juntamente com o(a) professor(a) e não na dependência deste.

Assim o abandono do desejo da dominação, que surge na história com o advento do patriarcado, me leva a aceitar, baseado, também no exame de minha atitude predominante na educação e na atuação como fisioterapeuta da *Renúncia da Autoridade* do professor frente seus alunos e alunas e do fisioterapeuta com seus pacientes, possibilitando atingir ações consensuais em recursividade com a confiança e aceitação do outro(a).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. A. T. **Paradigma flexneriano**: a construção internacional do conceito de atenção primária à saúde. Minas Gerais: UFMG, 2003.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis. VOZES, 2000.

ATO, R. (Org.). **Educação humanizadora e os desafios da diversidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

BARCELOS, V. **Formação de professores para Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro. VOZES, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação ambiental**: sobre metodologias, princípios e atitudes. Petrópolis, VOZES, 2008.

\_\_\_\_\_, **Caderno de apontamento, Seminário Temático**: Humberto Maturana e a Educação. Santa Maria: UFSM. 2015.

BARCELOS, Valdo, H. L.; HENZ, C. I. **Saberes silenciados e intercultura**: uma contribuição ecologista e antropofágica para a diversidade cultural dos povos. Santa Cruz do Sul. EDUNISC. 2009.

BARREIROS, C. A. **Reequilíbrio somatoemocional**. São Paulo: ANDREOLI. 2008.

\_\_\_\_\_. **Reeducação postural global pelo método do reequilíbrio proprioceptivo muscular**. São Paulo: polígrafo do curso de formação. 2005.

BARROS, F. B. M. **Autonomia profissional do fisioterapeuta ao longo da história**. Rio de Janeiro, v.7, n. 59, p 20 -51, mai./jun. 2003.

BOAVENTURA, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2000.

BRAZ, M. M. **Educação integral**: um modelo de ensino da fisioterapia baseado na física quântica. Santa Catarina: UFSC, 2006.

CANCLINE, N.G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

COFFITO. Disponível em:

<[http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub\\_view.asp?cod=1007&psecao=9](http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub_view.asp?cod=1007&psecao=9)>. Acesso em: 18abr.2012.

DAMÁSIO. A. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1990.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FLEURI, R. M. **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: NUP-UFSC, 1998.
- \_\_\_\_\_. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação – ANPEd**, Campinas, n.23, 2003.
- FIGUERÔA, R. M. **Aspectos da evolução histórica da fisioterapia no Brasil em especial no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- GAMBOA, S.S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: CORTEZ, 1995.
- GAUTHIER, J. **Sociopoética: uma pesquisa em educação**. Florianópolis: UFSC, 1998.
- LUNA, S.V. O falso conflito entre tendências metodológicas. In: FAZENDA, I. (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG. 1997.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Palas Athena, 2001.
- MATURANA, R.M.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MELO M. B.; BRANDT L. C. Ato médico: perda da autoridade, poder e resistência. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n 1., mar. 2005.
- MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1989.
- NOVAES JUNIOR, R. R. **Pequeno histórico do surgimento da fisioterapia no Brasil e suas entidades representativas**. Disponível em <<http://www.infonet.com.br/fisioterapia/historia>>. Acesso em: 16 fev.2015.
- PENA-VEJA, Alfredo. **O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

PREZI. **Humberto Maturana**: vida e obra. Disponível em:  
<<http://www.prezi.com/yccfdof22mjs/humberto-maturana-vida-e-obra>>. Acesso em: 20 out. 2015.

REBELLATO J. R.; BOTOMÉ S. P. **Fisioterapia no Brasil**. São Paulo: Manole. 1999.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANCHES, E. História da fisioterapia no Brasil e no Mundo. **Revista Atualidades Brasileiras de Fisioterapia**, 1984.

SCHINCHTHING, H.; BARCELOS, V. **Humberto Maturana**: amar... verbo educativo. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

SIGNORELLI, M. C. et al. **Um projeto político-pedagógico de graduação em fisioterapia pautado em três eixos curriculares**: relato de caso. Paraná; UFPR. 2010.

WIKIPEDIA. **Humberto Maturana**. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Humberto\\_Maturana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Humberto_Maturana)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

WORRABAR, M, C. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.